



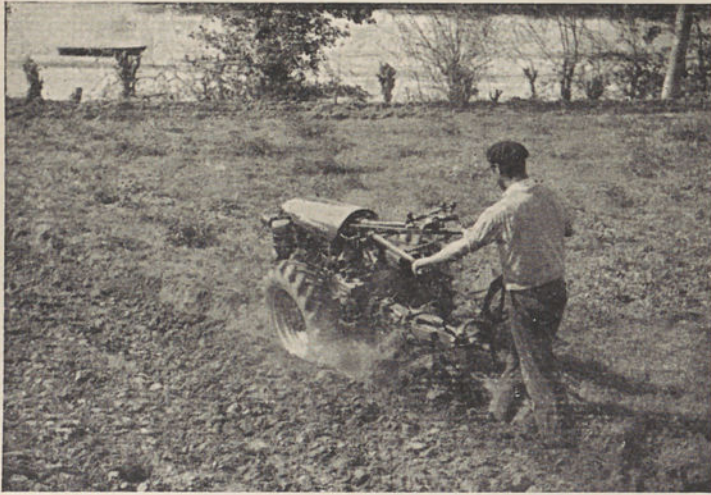
Gazeta das Aldeias

N.º 2496

1 DE JUNHO DE 1963



Sala
Est.
Tab.
N.º



← *Na Lavoura*
BUNGARTZ

Nas Vinhas e Pomares →
BUNGARTZ



← *Nos Transportes*
BUNGARTZ
(ISENTO DE CARTA)

**NÃO HÁ MAIS EFICIENTE
NÃO HÁ MAIS ROBUSTO**

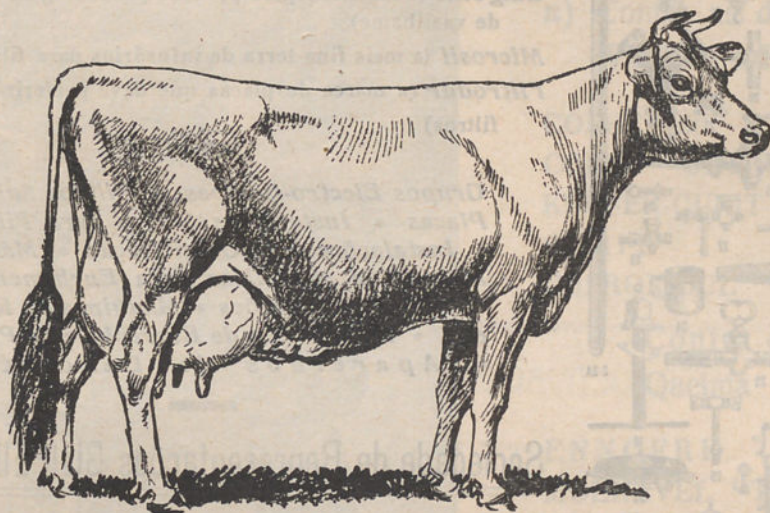
Motocultivadores Diesel de 7 e 13 HP.



**RAMO AGRÍCOLA DA
Agência Comercial de Anilinas, Lda.
Avenida Rodrigues de Freitas, 68
PORTO**

Telefs. 55161-2-3

VACA que não é ordenhada
é VACA que não dá rendimento...



...de modo que para combater a mastite que tão generalizada e que tão prejudicial é, há que ir pelo seguro: POMADA e SUSPENSÃO DE «AUREOMICINA» para instilação nos úberes, porque é um preparado de comprovada eficácia



Geralmente, basta um tratamento para que o animal se restabeleça e se possa aproveitar o seu leite. Mas sendo necessário repetir-se, só há que fazê-lo cada 48 horas, o que representa outra economia de tempo e de dinheiro

3211

POMADA e SUSPENSÃO DE AUREOMICINA*

Cloridrato de Clorotetraciclina para instilação nos úberes



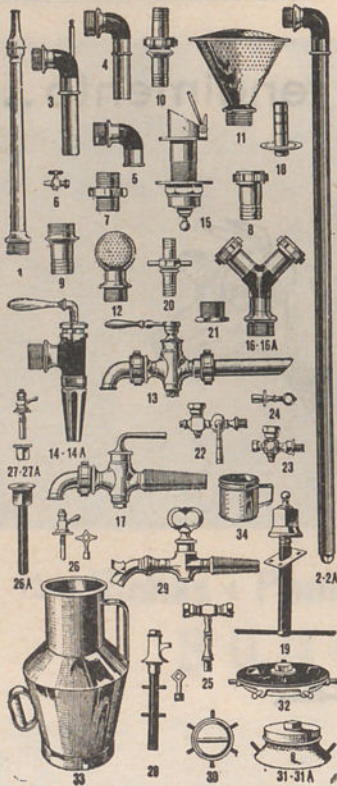
* Marca Registada

Apresentação: { POMADA
Bisnaga de 7,1 g
SUSPENSÃO
Seringa de 6 cc.

DEPARTAMENTO AGRO-PECUÁRIO
Cyanamid International
A Division of American Cyanamid Company
30 Rockefeller Plaza, New York 20, N.Y., U.S.A.



Repres. Exclusivos para Portugal e Ilhas:
ABECASSIS (IRMÃOS) & C.A
Rua Conde de Redondo, 64-3.º - LISBOA
Rua de Santo António, 15-3.º - PORTO



Tanino «Dyewood» 100% solúvel (o mais puro à venda no País)

Amiantos «Filterit» (isentos de ferro e de cálcio)

Carvão Vegetal «Actibon» (poderoso decolorante, absolutamente inodoro)

Galgonit (o mais enérgico produto para lavagem e desinfecção de vasilhame)

Microsil (a mais fina terra de infusórios para filtros)

Filtrodur (a marca de placas que deve preferir para os seus filtros)

Grupos Electro-Bombas * Filtros Suíços de Placas * Instalações Suíças para Filtração * Instalações para Gaseificação * Máquinas Manuais e Mecânicas para Enchimento de Garrafas e Garrafões * Máquinas de Rolhar, etc. * Mangueiras de Borracha e de Plástico * Aparelhos de Laboratório

3876

Sociedade de Representações GUIPEIMAR, L.da

Rua de Rodrigues Sampaio, 155-1.º
PORTO

TELE { fones: 28093-35173
gramas: GUIPEIMAR

Senhor Lavrador

Se se encontra interessado na compra de:

Máquinas agrícolas, insecticidas, fungicidas e produtos enológicos.

Adubos simples e compostos.

Sementes para horta, prado e jardim.

CONSULTE O:

Centro Agrícola e Industrial, Lda.

307—Rua Sta. Catarina—309

PORTO

Telef. 25865/6

Teleg. AGROS

2747



3888

O adubo das boas colheitas



Produtos

“SCHERING”

a) Contra as **doenças** das **Vinhas e Batatais:**

COBRE “50”
COBRE “ULTRA”
KUPFER-CURIT
CURIT
CUPROXIDUL “ULTRA”

Contra o Míldio ou
Queima

ENXOFRE
MOLHÁVEL “TOP”

Contra o Oídio ou
Farinha

b) Contra as **pragas**, incluindo o Escaravelho da Batateira

DIDITAN “50” e “líquido”
Contendo DDT + LINDANO

DIDITAN Super
Contendo 50 % de DDT

VERINDAL “50”, “ULTRA” e “líquido”
Contendo LINDANO

c) Contra o Alfinete ou Bicha Amarela do Milho

VERINDAL “S”, ALDRINE CONCENTRADO
“DISPERSÍVEL”

d) Contra o Escaravelho da Batateira resistente aos insecticidas clorados

SV “50”
Contendo 50 % de 1-naphthyl-N-methylcarbamate



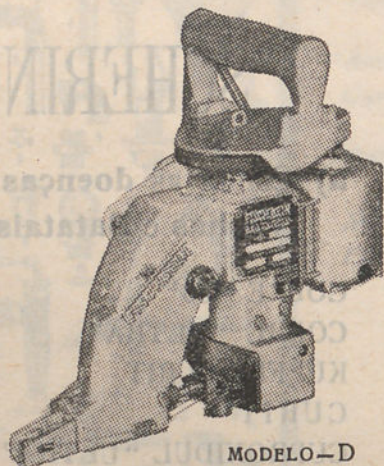
DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS:

AGUIAR & MELLO, LDA.

Praça do Município, 13-1.º — LISBOA



N
O
V
I
D
A
D
E



MODELO-D

Máquina Eléctrica Portátil

FISCHBEIN

DE FECHAR SACOS

- * Manejo muito simples.
- * Grande robustez.
- * Fecha qualquer tipo de saco de tecido ou papel.
- * Pode ser utilizada por operários inexperientes e nas mais duras condições de trabalho.

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS:

3942

Sociedade Victor, Lda.

Av. António Augusto de Aguiar, 25-A
LISBOA-1
Telef.: 51223

MOTOCULTIVADORES

«GRAVELY»



Um só motocultivador * 30 alfaías agrícolas

*Lavra — Sacha — Grada — Semeia —
Transporta — Cava e descava
vinhas — Pulveriza vinhas, batatais
e árvores — Serra — Rega — Ceifa —
etc., etc.*

ADQUIRA um motocultivador

ESCOLHA as alfaías que precisa

Representantes exclusivos:

INIMEX

— Internacional Importadora e Exportadora, Lda. —
Rua do Almada, 443 — Telef. 33379 — PORTO

AVERY

2876

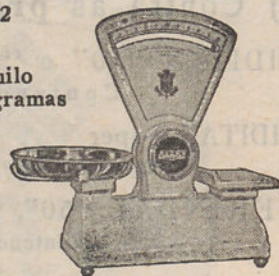
A MARCA COM MAIS DE 225 ANOS DE EXISTÊNCIA

Balanças * Bâsculas * Medidoras para
petróleo, azeite e óleo * Cortadores
para fiambre * Moinhos para café *
Picadoras

MODELO A. 952

Capacidade — 10 quilos
Mostrador — 1 quilo
Divisões — 5 gramas

Balança semi-auto-
mática precisa,
moderna e de ele-
gante apresentação

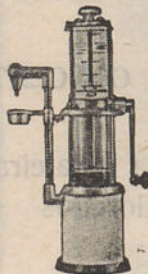


MODELO M4CH

Medidora para Petróleo, Azete e Óleo

Medição rigorosa e automática
nas capacidades de 1/2 e 1
decilitros, 1/8, 1/4, 1/2 e 1 litro

ESMALTADA A BRANCO
RÁPIDA E HIGIÊNICA
ELEGANTE, ROBUSTA E EFICIENTE



AVERY PORTUGUESA, L.^{DA}

SEDE — LISBOA — Rua Braamcamp, 66-70 — Telef. 42001
FILIAL — PORTO — Rua D. João IV, 23 — Telef. 22144
AGÊNCIAS) COIMBRA — Rua da Sofia, 164 — Telef. 4512
) FUNCHAL — R. Ferrelros, 18 — Telef. 818.2286

Snr. Lavrador

Faça as suas contas!

Prefira como adubo azotado o

Nitro-Amoniacal C. U. F. Concentrado

com 26,5 % de Azoto

(Metade nítrico * Metade amoniacal)

pois é de todos os adubos azotados
aquele que resulta **MAIS BARATO.**

Pode aplicá-lo, quer à

SEMENTEIRA quer em COBERTURA

Companhia União Fabril

LISBOA - 3

Av.^a do Infante Santo
(Baveto da Av.^a 24 de Julho)

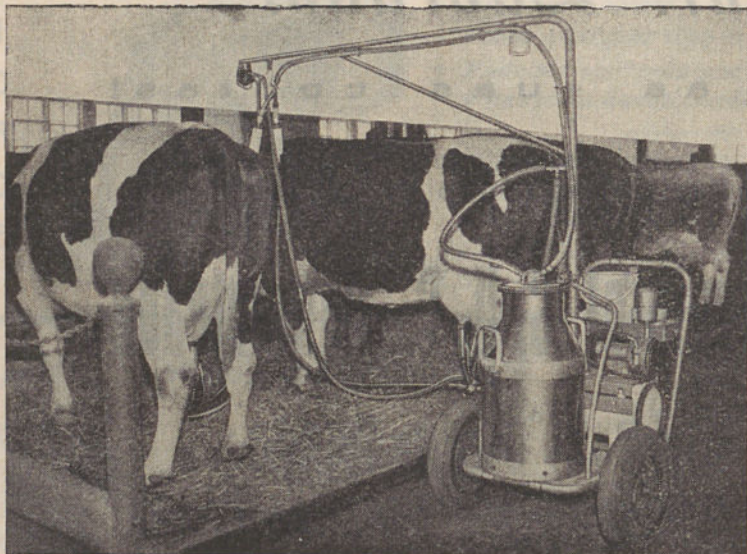


P O R T O

R. do Bolhão, 192-3.º

DEPÓSITOS E REVENDEDORES EM TODO O PAÍS

INSTALAÇÕES AUTOMÁTICAS "ALFA-LAVAL" DE ORDENHA



- * Portáteis e fixas, para pequenas ou grandes vacarias
- * As mais modernas e eficientes
- * Funcionamento garantido
- * Leite higiénico
- * Economia de mão de obra

3887

PARA ESCLARECIMENTOS
CONSULTE OS REPRESENTANTES EM PORTUGAL

**HARKER,
SUMNER & C.^a L.^{da}**
PORTO-38, R. Ceuta, 48
LISBOA-14, L. do Corpo Santo, 18

À lavoura em geral e aos criadores de gado em especial

O sucesso que têm obtido os alimentos concentrados SOJAGADO é já hoje indiscutível. Todos os Grémios de Lavoura nos têm manifestado o apreciável valor da SOJAGADO

Produtos compostos completos:

- SOJAGADO N.º 3 — Para porcos de engorda
- SOJAGADO N.º 4 — > Galinhas poedeiras
- SOJAGADO N.º 5 — > Pintos até 6 semanas
- SOJAGADO N.º 6 — > Frangos para carne
- SOJAGADO N.º 7 — > Frangas

Produtos compostos complementares:

- SOJAGADO N.º 1 — Para vacas leiteiras
- SOJAGADO N.º 2 — > bovinos de engorda e trabalho
- SOJAGADO N.º 8 — > aves em postura
- SOJAGADO N.º 9 — > éguas criadeiras e poldros
- SOJAGADO N.º 10 — > porcos em crescimento (dos 25 aos 60 quilos)

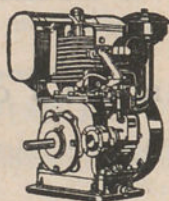
SOJA PURA EXTRACTADA

Não engane o seu gado com alimentos pobres porque se engana a si próprio

SOJA DE PORTUGAL, LDA. * FÁBRICAS EM OVAR — Telef. 63
Escritórios em Lisboa, na Rua dos Fanqueiros, 38, 1.º — Telef. 323830 e 327806

Os pedidos podem ser feitos directamente aos n/ escritórios ou ao Sr. António Câmara Cordovil, Rua de Campolide, 55, 1.º, dt.º, Lisboa — Tel. 685262.

3554



"WISCONSIN"

MOTORES A GAZOLINA E PETRÓLEO
DE 2 A 30 CAVALOS-PEÇAS DE RESERVA

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS:

CASA CAPUCHO

LISBOA-RUA DE S. PAULO-113-129
PORTO-R. MOUS. DA SILVEIRA-139-143

3886



Srs. Lavradores!

Defendam as suas vinhas do
mildio, pulgão e oídio
usando com resultados garantidos

COBRE · DDT · ENXOFRE

Pestax

IMPORTADORES E DISTRIBUIDORES.

Agro-Química Pestax, Lda.

Rua General Justiniano Padrel, 25 — LISBOA — 2

Insecticidas • Fungicidas • Herbicidas • Raticidas



COMBATA O **ESCARAVELHO**
DA BATATEIRA

com o novo insecticida à base de
Naftil-N-Metil Carbamato

especialmente indicado para a sua
exterminação total, mesmo dos tipos
resistentes que surgiram nas regiões onde a eficácia dos insecticidas
clorados (DDT, Lindane, Dieldane, etc.), é actualmente pouco activa.



«LEPTENE SUPER»
Pestax

3926

Importadores e Distribuidores:

AGRO-QUÍMICA PESTAX, LDA.

Rua General Justiniano Padrel, 25 — LISBOA — 2



Cercados Eléctricos

KOLTEC

- * *Alimentados* por pilhas secas de modelo patentado e de longa duração.
- * *Sistema* ideal para guarda de gado em pascigo directo, sem intervenção de pastores.
- * *Montagem e desmontagem* facilimas e rápidas.
- * *Perímetros* de cercado até 20 kms.
- * *Modelos* especiais para gado lanigero ou rebelde.
- * *Sem* avarias.
- * *Preço* acessivel.

IMPORTADORES
exclusivos

Agência Comercial Ria, Lda.
Apartado 60 — A V E I R O

3941

MOTORES INDUSTRIAIS

GRUPOS ELECTROGÉNEOS
A GASOLINA, PETRÓLEO OU DIESEL

- DE CORRENTE CONTÍNUA, PARA CARGA DE BATERIAS
- DE CORRENTE ALTERNA, PARA ILUMINAÇÃO,
RÁDIO-TELEVISÃO OU PARA ELECTRO-BOMBAS

DIVISÃO MARÍTIMA E TÉCNICA

C. SANTOS, S. A. R. L.

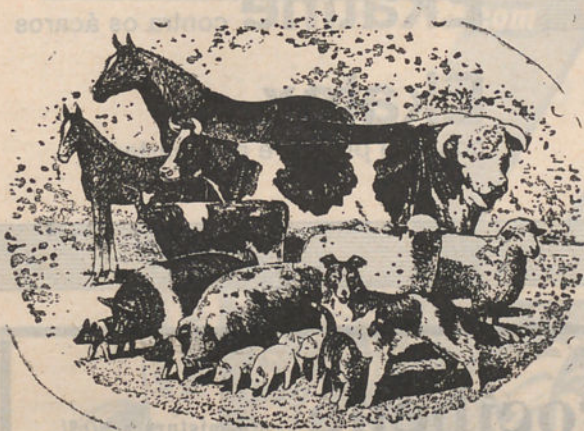
TRAVESSA DA GLÓRIA, 17—LISBOA

3427

Proteja

a Pecuária Nacional

Os métodos de criação e as raças
variam . . .



mas

o AUROFAC* suplemento alimentício revolucionário, para as aves de criação, os bezerros e os porcos, dá sempre resultado . . .

porque

... dando-se-lhes AUROFAC* os animais produzem maior lucro no mercado, visto estar provado que:

- a *crecem com maior rapidez*
- b *dão mais carne com menos alimento*

Sim... O AUROFAC*, que é devido ao labor de investigação científica da American Cyanamid Company, contém AUREOMICINA* e Vitamina B₁₂... e obra autênticos milagres!

Dê sempre a suas aves de criação, bezerros e porcos, alimentos que contenham...

AUROFAC*

DEPARTAMENTO AGRO-PECUÁRIO

Cyanamid International

WAYNE, N. Y. E. U. A.

Representantes exclusivos para Portugal e Ultramar:

ABECASSIS (IRMÃOS) & C.^A

Rua Conde Redondo, 64 — LISBOA

Rua de Santo António, 15-3.º — PORTO

* Marca Registrada

3243





As vinhas perdem-se ...
se se lhes suprime a protecção
antiparasitária.

Para uma protecção perfeita:

Miltox ou

Cobre-Sandoz

contra o mildio

Thiovit contra o oídio

Ekatine contra os ácaros

Ekatox
contra o pulgão e as lagartas.

Produtos Sandoz Lda.
Rua João Penha, 14 B - Lisboa

3933



Forocibene[®] pré-mistura a 50 %.

Ação profiláctica notável contra os agentes patogéneos bacterianos e coccídias, no tracto gastro-intestinal, sem perturbar o desenvolvimento normal do animal.

Bácoros e Vitelos

Profilaxia das diarreias durante o crescimento e engorda.

Porcas em gestação

Profilaxia das perturbações gastro-intestinais durante o último período da gravidez e a amamentação.

Vacas leiteiras

Profilaxia das diarreias devidas à coccidiose, com administração complementar de vitaminas.

Galinhas poedeiras

Profilaxia da inflamação dos oviductos e das diarreias durante o período de postura.

C o e l h o s

Profilaxia da coccidiose e do meteorismo.

Um produto com a
garantia **C I B A**

Representantes:
Produtos CIBA, L.da — Av. 5 de Outubro, 48 — Lisboa

3901



MILANO

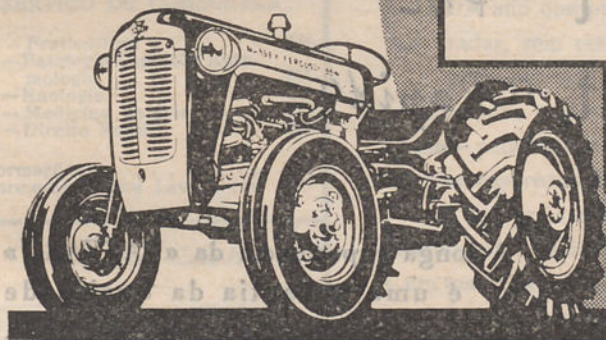
MASSEY-FERGUSON

APRESENTA O NOVO TRACTOR

35-X

com

44hp



E O AUTÊNTICO

GARANTIA
DE UM ANO

Sistema "FERGUSON"

TRACTORES DE PORTUGAL, LDA.

Av. da Liberdade, 35, 4.

LISBOA

Agentes em todo o País

Terras Descorantes

para

Azeites e Óleos

Prolit "PM"

Prolit "Rapid"

A longa experiência da «CAFFARO»
é uma garantia da qualidade
e excelência dos seus produtos.

Produtos "CAFFARO"

- ▣ Terras Descorantes "Prolit"
- ▣ Pó Caffaro
- ▣ Oxidoreto de Cobre
- ▣ Cupro-Zin

2925

Agentes:

Emanuele Barabino

Rua da Prata, 93-2.º — Esq.
LISBOA - 2 — Telef. 369965

SUMÁRIO

Alerta!... Precaução!...	401
A luta contra a fome e a luta contra as pragas e doenças das plantas cultivadas e dos seus produtos — Prof. C. M. Baeta Neves.	402
A arborização de maciços cal- cários — Eng. Silvicultor João da Costa Mendonça	404
Trabalhos em Junho	407
O apiário em Junho	410
Defendamos do fogo as flores- tas — Eng. Silvicultor Joaquim J. de Mattos Fernandes	411
Demonstração de motocultiva- dor	414
Videiras porta-enxertos — Eng. Agrónomo Alfredo Baptista	415
A importância do sulfonitrato de amónio em viveiros de arroz — Reg. Agrícola José Fa- rinha	418
Exposição da Estação Agronó- mica Nacional no Porto	420
Árvores e madeiras de Portu- gal — Eng. Silvicultor Albino de Carvalho	423
Algumas notas sobre o carro de bois — Fernando Galhano	427
Caça e Pesca — Para quando o Rio Minho? — Almeida Coquet	430
Mirante — Conde d'Aurora	433
Ensinamentos úteis	435
SERVIÇO DE CONSULTAS	
— Fruticultura	434
— Patologia Vegetal e Ento- mologia.	435
— Enologia	436
— Medicina Veterinária	437
— Direito Rural	437
Informações	439
Intermediário dos Lavradores	440

NOASSA CAPA



Entre Melgaço e Fiães — Mu-
lheres «espichando» o milho,
processo de sementeira, grão a
grão, com a ajuda dum pau agu-
çado. Com tais processos de
cultura, o milho não pode ser
uma exploração rentável.

Cliché gentilmente cedido pelo
Centro de Estudos de Etnologia
Peninsular — Porto.

Visado pela Comissão de Censura

Gazeta das Aldeias

Fundada por *Júlio Gama*

REVISTA QUINZENAL DE PROPAGANDA AGRÍCOLA

DIRECTOR

AMÂNDIO GALHANO

Engenheiro Agrónomo

EDITOR JOAQUIM A. DE CARVALHO

Propriedade da Gazeta das Aldeias (S. A. R. L.) * Redacção e Administração: Av. dos Aliados, 66 — PORTO
Telegramas: GAZETA DAS ALDEIAS — PORTO * Telefones: 25651 e 25652

Composto e impresso na TIPOGRAFIA MENDONÇA (Propriedade da GAZETA DAS ALDEIAS)
Rua Jorge Viterbo Ferreira, 12-2.º — PORTO

Alerta!... Precaução!...

CADA ano que passa, milhares de hectares de Florestas são devo-
radas, sem razão, pelo fogo impiedoso e voraz. Incalculáveis
prejuizos nos batem à porta, quer directamente — pela perda
de arvoredos com tanto carinho e sacrifícios criados, quer indirecta-
mente — pela falta de protecção aos terrenos, diminuição das reservas
hídricas, assoreamento de rios, portos, etc...

E ano após ano vamos assistindo indiferentes à mesma série
nefanda, parecendo que nos habituamos a este estado de coisas, como
a um mal inevitável, contra o qual não vale a pena lutar. Não, muito
errados estão os que assim pensam. Há que reagir, lutar, estar
Alerta, prevenir em defesa da árvore, sem dúvida um dos mais altos
valores do património Nacional.

Atentemos no que representam para a Nação — a cortiça, a
resina, as madeiras, lenhas, etc., e forçoso será concluir que nos
é imposta a defesa da Árvore.

Terá o país de adoptar uma política de luta contra os incêndios,
adaptada às nossas condições e que tenha por objectivo proteger
a Floresta, o Solo e a Água.

Impõe-se o cuidado de todos nós, se não quisermos ser crimi-
nosos, ainda que por imprevidência.

Impõe-se estar Alerta, atentos ao mais pequeno descuido se não
quisermos ver destruídas as nossas Matas e Florestas e com elas um
melhor nível de vida para todos os portugueses.

Ao entrarmos na época normal de fogo impõe-se-nos Alerta
e Precaução, para podermos dominar o inimigo que nos espreita —
O FOGO.



JUULIO GAMA
DOMINGOS GALHANO

A luta contra a fome e a luta contra as pragas e doenças das plantas cultivadas e dos seus produtos

Pelo Prof. C. M. BAETA NEVES
Eng. Silvicultor

RECENTEMENTE, como foi anunciado na imprensa diária, foi assinado em Roma um documento de solidariedade humana, em que umas tantas celebridades mundiais, englobando 9 Prémios Nobel, ofereceram à F.A.O. a sua colaboração na luta contra a fome.

Depois de Sua Santidade, seguindo-lhe o exemplo, outros entre os mais categorizados no mundo intelectual, ocorrem a oferecer a sua preciosa ajuda no combate ao principal inimigo da existência e paz humanas.

E nada mais se pede do que um mínimo de compreensão pela acuidade do problema, certo como é que metade da população do globo vive hoje em regime de fome.

Aos cristãos apela-se para a sua consciência doutrinariamente hipersensível ao sofrimento de um qualquer Irmão; pede-se-lhe coerência tanto no pensamento como na acção. E a todos aqueles que têm qualquer outra religião, ou vivem alheios a tal fonte de inspiração íntima, reclama-se aquela abnegação que todos nós devemos ao próximo.

Na luta contra a fome podem e devem colaborar todos os Homens, seja qual for a sua nacionalidade, língua, raça ou credo; ninguém deverá poder sentir-se feliz, ao sentar-se à mesa para comer, pensando que à mesma hora, por esse Mundo fora, há milhões de seres humanos que não

têm sequer o mínimo indispensável para poderem sobreviver.

E não deverá haver nenhum católico que, ao rezar antes de começar a sua refeição, não deva pedir a Deus igual satisfação para todos os seres humanos.

Colaborar na Campanha contra a Fome é assim uma obrigação de todos nós.

* * *

Já várias vezes tenho divulgado a ideia de que o Homem e os Insectos vivem em luta constante, uma vez que há uma forte analogia entre as necessidades alimentares de ambos, quanto à natureza e variedade dos produtos com que podem satisfazer essas necessidades.

É por isso que se afirma que o Homem só colhe aquilo que os Insectos lhe deixam, e mesmo assim, depois dos produtos colhidos, aqueles que aguardam em armazém o seu consumo, ainda aí são disputados por eles.

Mas infelizmente não são só os insectos que rivalizam connosco; os ácaros, moluscos, ratos e aves, da mesma maneira, procuram muitas vezes partilhar com o Homem no consumo dos alimentos que tão penosamente são produzidos pela Agricultura.

E se não bastassem as consequências de tal rivalidade, tantas vezes trágicamente assinaladas na História da Humanidade, e no dia a dia de tantos lavradores,

Alerta!... Precisações!	401
A luta contra a fome e a luta contra as pragas e doenças das plantas cultivadas e dos seus produtos - Prof. C. M. Baeta Neves	402
A esportação de melões em - artigos - Eng. Silvicultor	403
Trabalhos em Junho	404
O aquário em Junho	405
Detalhamento do trabalho - artigos - Eng. Silvicultor	406
A de Maio - Eng. Silvicultor	407
Demonstração de moluscos - artigos - Eng. Silvicultor	408
Viduas portuenses - artigos - Eng. Silvicultor	409
Agitação agrícola - artigos - Eng. Silvicultor	410
A importância do silvestre - artigos - Eng. Silvicultor	411
de amónio em vinhos de - artigos - Eng. Silvicultor	412
artex - Eng. Silvicultor	413
duas	414
Exposição de - artigos - Eng. Silvicultor	415
Exposição Nacional no - artigos - Eng. Silvicultor	416
Arvores e madeiras de - artigos - Eng. Silvicultor	417
Eng. Silvicultor	418
Canais	419
Algumas notas sobre o curso - artigos - Eng. Silvicultor	420
de - artigos - Eng. Silvicultor	421
de - artigos - Eng. Silvicultor	422
de - artigos - Eng. Silvicultor	423
de - artigos - Eng. Silvicultor	424
de - artigos - Eng. Silvicultor	425
de - artigos - Eng. Silvicultor	426
de - artigos - Eng. Silvicultor	427
de - artigos - Eng. Silvicultor	428
de - artigos - Eng. Silvicultor	429
de - artigos - Eng. Silvicultor	430
de - artigos - Eng. Silvicultor	431
de - artigos - Eng. Silvicultor	432
de - artigos - Eng. Silvicultor	433
de - artigos - Eng. Silvicultor	434
de - artigos - Eng. Silvicultor	435
de - artigos - Eng. Silvicultor	436
de - artigos - Eng. Silvicultor	437
de - artigos - Eng. Silvicultor	438
de - artigos - Eng. Silvicultor	439
de - artigos - Eng. Silvicultor	440

ainda os vírus, bactérias, fungos, nematodos e ervas daninhas vêm juntar à nefasta actividade daqueles a sua calamitosa colaboração.

Tanto já seria bastante para o problema fitossanitário correspondente não só se apresentar com uma importância excepcional, mas também para justificar todos os esforços que se fizessem para o resolver.

Mas há ainda a acrescentar as doenças fisiológicas e as contingências climáticas, cuja presença tanta vez tem agravado a situação, aumentando ainda mais os riscos a que a Agricultura está sujeita e os prejuízos sofridos.

Para quem possa ter alguma dúvida sobre o valor histórico das consequências sofridas pela Humanidade nesta luta permanente contra os inimigos das culturas e dos seus produtos, recomenda-se a leitura da obra Von Wachendorf, tradução francesa, "*L'Homme et les fléaux*". Aí poderá encontrar descritos, de forma amena e excepcionalmente sugestiva, os trágicos acontecimentos que as pragas e doenças provocaram em diversas épocas e países, marcando para sempre na história destes o peso da sua força extraordinária.

Infelizmente para nós os males que nos acontecem são facilmente esquecidos pelas gerações seguintes, e assim serão muito poucos aqueles que tenham hoje conhecimento das calamitosas consequências do ataque da filóxa, nomeadamente nas vinhas do Douro.

A angústia de quantos se viram nessa altura reduzidos à miséria, já há muito perdeu o eco no egoísmo da ignorância e indiferença pela vida do próximo.

O significado da praga de gafanhotos referida na Bíblia, apesar da sua projecção no presente, como no futuro, e do seu sentido doutrinar, é para muitos apenas um facto passado, com maior ou menor verosimilhança.

Mas quando se lêem os livros da actualidade que tratam do problema da fome, ou da produção dos alimentos, e das suas soluções, a atestar a importância das pragas e doenças lá estão as afirmações dos seus autores, demonstrando a necessidade de lhe dar urgente combate, para eliminar o enorme desfalque que anualmente

se deve à sua persistente e generalizada actividade.

Assim o referem, por exemplo, Britan ("*La lucha contra el hambre*" — 1957), Guerrin ("*Humanité et substances*") — 1957) e Boerger ("*Abastecimento mundial y Agricultura moderna*").

No folheto da F.A.O. "*L'Homme et la faim*" — 1961 afirma-se: "*Chaque année, les maladies et les insectes nuisibles détruisent de grande quantité d'aliments et de récoltes. Ces pertes, qui correspondent à la production de millions d'hectares, pourraient être évitées en majeure partie, et généralement moyennant une dépense très faible par rapport à la valeur des récoltes sauvées, si l'on appliquait pleinement les connaissances et les techniques modernes*".

Julgo que nada mais há a acrescentar para chamar a atenção do leitor não só a importância que a luta contra as pragas e doenças das culturas e dos seus produtos tem na luta contra a fome, mas também da necessidade de se porem em prática todos os recursos de que dispomos para eliminar as consequências da sua nefasta presença.

* * *

Dedicado como tem sido ultimamente a maior parte da minha actividade profissional ao estudo dos problemas nacionais da Defesa Fitossanitária dos Produtos Armazenados, é natural que eu queira ainda reforçar neste aspecto particular quanto disse anteriormente. E para tanto pouco mais é necessário do que transcrever uma outra informação, da mesma origem, agora dizendo apenas respeito às pragas do armazenamento:

Do Boletim da F.A.O., do ano de 1960 traduzo: "*A produção mundial de cereais em 1956, excluindo a U.R.S.S. foi de 756.000 000 de toneladas métricas, das quais pelo menos 10% foram destruídos pelos insectos, ratos e fungos, um prejuízo de 75.600 000 toneladas. Com uma ração média de 800 gramas diários por pessoa, estas teriam alimentado anualmente 225.000 000 de pessoas*".

Eu suponho que pouco mais será necessário dizer para justificar a afirmação

(Conclui na pág. 406)

A arborização

DE MACIÇOS CALCÁRIOS

Por JOÃO DA COSTA MENDONÇA
Eng. Silvicultor

(Conclusão do n.º 2495, pág. 373)

AO trecho do território português que estamos a considerar corresponde uma área inculta, ou inadequadamente utilizada noutras culturas, da ordem dos 30 000 ha, da qual mais de metade será baldia. De entre as culturas erradas, não se pode deixar de salientar as oliveiras que vegetam nas grandes vertentes escavadas, cujo aproveitamento económico cada vez se vai tornando mais difícil, e que progressivamente vão sendo abandonadas pelos proprietários, a maioria dos quais, parece-nos conveniente referir, não são donos do solo, baldio ou pertença de outrém. Precisamos, no entanto, antes de prosseguir, de fazer um pequeno parêntesis, para esclarecer a nossa posição pessoal perante a olivicultura e que ao contrário do que se poderia inferir, com grave desgosto do autor, é de completa fé no seu futuro, desde que seja confinada aos locais mais apropriados e que realmente não faltam em Portugal, designadamente nos maciços calcários. Porque, mau grado as dificuldades que agora assoberbam a exploração, acreditamos, que a técnica e a economia não-de saber removê-los, de forma a assegurar a perpetuidade do cultivo, visto termos a certeza que o seu aniquilamento representaria grave prejuízo para a agricultura nacional. Aliás, este assunto

merecia ser mais largamente debatido, mas quis-se apenas deixar um breve apontamento, destinado a elucidar que a perseguição movida pela silvicultura aos olivais mal situados, de forma nenhuma representa animosidade, mas somente uma interpretação justa da situação.

Existe, portanto, uma grande área, cuja recuperação só pode ser obtida graças à arborização; por outro lado, o revestimento florestal justifica-se essencialmente sob o aspecto da promoção de um acréscimo de rentabilidade financeira. Aliás, é este condicionalismo específico dos maciços calcários pouco afectado pela erosão e raro se aplica a outras zonas, muito mais vulneráveis à acção das intempéries, onde a utilidade de ordem física da arborização não raro sobrelevam o seu interesse económico.

Felizmente, desde 1911 existe na Serra de Montejunto um perímetro de arborização a cargo dos Serviços Florestais oficiais, onde se podem colher elementos extraordinariamente valiosos, e que já estão a ser utilizados igualmente pela técnica estadual, na Serra dos Candeeiros e na Batalha, e que em breve serão levados a Sicó, à Serra de Aire e a outros baldios. Estas servirão de matas-pilotos, onde a actividade particular pode observar técnicas evoluídas aplicáveis aos

povoamentos a constituir ou aos já existentes, cujos sistemas de exploração, na generalidade dos casos são deficientes, além do que a escolha do arvoredo se afigura não ser a mais conveniente.

Uma ilacção desde logo se colhe da observação do que se passou em Montejuento, nos cinquenta anos decorridos desde o início dos trabalhos. Os solos esqueléticos e delgados, assentes sobre calcários, nas condições climáticas prevaletentes, são mais adequados à vegetação do pinheiro de Aleppo do que a outra qualquer espécie. De resto isto mesmo nos ensina a teoria. Igualmente, em recantos idênticos dos países medi-

é desprezível, podendo dizer-se que é sensivelmente igual ao do pinheiro bravo nas suas estações médias, isto é, aquelas que ainda que longe do óptimo de prosperidade, toleram muito bem a sua vegetação.

Não há pois dúvida que o pinheiro de Aleppo é a espécie ideal para a ocupação silvícola dos largos tratos de terreno deveras degradado existente nas áreas calcárias. Isto pode parecer estranho a todas as pessoas que verificam ser o pinheiro bravo a espécie dominante nestas zonas. Todavia explica-se, facilmente, pela simples indicação de que os solos onde ele vive, embora provenientes de

calcários, e no geral assentes sobre calcários, não contém cálcio, que foi arrastado pelas águas, e em consequência, tornaram-se ligeiramente ácidos, o que permite a vida do pinheiro bravo. Existem inúmeras nesgas nestas condições no maciço calcário, e daí a abundância desta espécie, hoje consociada ao *Eucalyptus globulus*. Todavia, quando o solo é espesso, julgamos que melhores resultados



Um aspecto característico do maciço calcário estremenho

terrânicos onde imperam circunstâncias mesológicas semelhantes, acontece coisa igual, cobrindo hoje aquela resinosa centos de milhares de hectares. Na verdade, é muito resistente à aridez, podendo viver em regiões onde a precipitação anual não chega a atingir os 400 m, e onde durante longos estios de seis e sete meses não chove. Por outro lado, adapta-se muito bem aos solos caliços pouco profundos. Tanto quanto se pode afirmar nesta matéria, parece ser espécie com valor mercantil. Deste facto, aliado à sua inegável faculdade de pioneira melhoradora do solo, depende a sua aplicação tanto mais que o seu crescimento anual médio não

poderiam ser obtidos com o pinheiro insigne, (*P. radiata*), que, adaptando-se bem à meteorologia do centro litoral português, parece ter preferência pelos solos fundos que frequentemente se deparam no seio das massas pedregosas. Contudo, logo que o pinheiro bravo encontra a rocha calcária, começa a definhar e a morrer, o que sucede prematuramente quando os perfis são delgados ou esqueléticos. Um pormenor corroborativo se observou na Serra de Montejuento. Semeados em mistura o pinheiro bravo e o de Aleppo, aquele cresceu melhor nas primeiras idades, enquanto se pode contentar para sua fixação e alimentação com

a magra camada de terra ácida que revestia a rocha-mãe. Mas logo que encontrou esta, começou a ceder o seu lugar ao Alepo, que, então, sentindo-se no seu solar, logo se tornou senhor, e senhor arrogante, tomando até carácter invasor dos povoamentos vizinhos.

Outro pinheiro a considerar é o manso, que se adapta muito facilmente à cal e à acidez. Por isso, pode prestar bons serviços na arborização do maciço, sobretudo, quando a falta de semente de pinheiro de Alepo impõe como recurso o seu emprego, sempre preferível ao do pinheiro bravo. Reduz a sua importância o facto de se considerar o pinheiro de Alepo espécie economicamente mais interessante, além de que é indiscutivelmente mais adequada às condições do meio.

Como espécie de larga utilização podemos ainda mencionar os eucaliptos, em cujo vasto elenco alguns existem calcifólogos, entre eles o *E. gomphocephala*, *E. cornuta*, *E. sideroxylon*. Faltam-nos, no entanto, dados experimentais sobre a matéria, o que não impede, até recomenda, o ensaio das diversas espécies que, tècnicamente, são aconselháveis.

Outras essências se podem ainda utilizar, mas por serem exigentes, restringidas aos locais mais favoráveis. Sempre um denominador comum a determinar a escolha; a resistência ao cálcio. Indicam-se algumas, como simples título informativo. De entre as resinosas, o pinheiro das Canárias, o Cedro do Atlântico, o Cedro do Buçaco. De entre as folhosas, o lódão bastardo, as nogueiras, a amoreira branca, a alfarrobeira, a tilia, o ulmeiro, e evidentemente a azinheira e o carvalho português. Arvoredo delicado na generalidade; porém adicionado aos pinheiros e eucaliptos, demonstrativo de quanto é vasto o arsenal ao dispor de quem quiser meter ombros à tarefa meritória de restituir aos maciços calcários a feição natural destruída pela acção abusiva da humanidade.

E na verdade, quaisquer que sejam as dificuldades a vencer e a persistência a desenvolver, este empreendimento é de transcendente significado, porquanto irá incidir sobre zonas a que só restam duas alternativas: ou a arborização ou o abandono à apascentação de caprinos, per-

cursora de próxima e inevitável esterilização. Uma terceira alternativa seria, talvez, de admitir, a defesa da natureza de forma a obter-se a regeneração da flora. Contudo, o grau de degradação, é tão grande que esta modalidade se me afigura presentemente inviável.

A arborização dos calcários é pois missão de eminente interesse nacional. Basta recordarmo-nos que, o Santuário de Fátima se situa no interior da região; e a verdade é que os muitos milhares de pessoas que o visitam e que por sua causa visitam Portugal, levam do nosso país uma noção de desolação falsa, já muitas vezes expressa em livros e jornais, que de modo nenhum corresponde à realidade.

Nestas circunstâncias, devemos arrear o espectro das dificuldades que tem tornado o empreendimento temido, e iniciar uma fase de acção e, talvez, na prática, as coisas se revelem menos complicadas do que se pensava.

A luta contra a fome e a luta contra as pragas e doenças das plantas cultivadas e dos seus produtos

(Conclusão da pág. 403)

de que uma das maneiras mais práticas e acessíveis para aumentar rapidamente a produção mundial de alimentos é exactamente combater eficazmente as pragas e doenças dos produtos armazenados.

No caso português, em relação ao qual os prejuízos são também de uma maneira geral bastante graves, nomeadamente em África, o Laboratório da Defesa Fitossanitária dos Produtos Armazenados e a Brigada de Estudos da Defesa Fitossanitária dos Produtos Ultramarinos vêm fazendo todo o possível para resolver os problemas próprios; os resultados obtidos estão longe de ser ainda quanto se ambiciona e as circunstâncias o exigem, mas se os recursos materiais não faltarem e as entidades competentes atenderem às sugestões apresentadas, não será difícil vir a reduzir muito esses prejuízos e dar assim, objectivamente, uma boa contribuição para a luta contra a fome.

Trabalhos

NOS CAMPOS

Iniciar ou continuar, para o Centro e Sul, os alqueives de Verão. — Estravesar, entravessar, refender ou atalhar as terras já decruadas e gradar outras para as abafar a tempo.

Terminar, nos primeiros dias, as sementeiras do milho de folha, com ou sem feijão rasteiro, feijanico ou feijoa; semear milho de relva, restivo ou contrafeita, estreme ou associado àquelas leguminosas.

Não esquecer tratar a semente com os insecticidas próprios para proteger a planta jovem dos ataques do «alfinete» que tantos prejuízos causa.

Ultimar a sementeira de feijanico ou feijão frade, estreme, e a do feijão do tipo «pear-bean», nas terras frescas.

Terminar a sementeira e a plantação do arroz, nos terrenos apaulados, adubando previamente as marinhas em seco. — Adubar em cobertura o já plantado há três semanas ou o semeado. — Plantar pimentão e tomate para a indústria.

Sachar (decruar, arrendar) batata, fei-

NOS OLIVAIS

em

Junho

janico, girassol e milho e amontoar já batata e milho de sequeiro.

— Mondar e regar linhos e cânhamos.

Regar prados de trevo violeta e de luzerna.

Capar melões e abóboras, assim como os tomateiros adiantados, e aplicar-lhes nitrato ou nitramoncal em cobertura, se for necessário. — Fazer as arrelentas, relenteios ou desbastes necessários.

Sulfatar batatas e tomatais com caldas cúpricas ou de fungicidas orgânicos de síntese e defender do piolho especialmente os meloais (melões e melancias) e feijoais.

Ceifar e debulhar cereais de pragana (centeio, cevada, trigo), tendo o cuidado de separar as manchas melhores para a semente.

Apanhar e debulhar ervilhas e favas. — Apanhar garrobas e misturadas, seradela para semente, assim como bersim e trevo da Pérsia.

Apanhar, no Algarve, o grão-de-bico mais adiantado.

Segar ou gadanhar os lameiros ou lenteiros, e secar, atar, embarracar ou enfardar os fenos.

NOS OLIVAIS

Regar, onde seja possível, as plantações mais atrasadas para garantia do pegamento.

Estar atento aos ataques da «mosca» que tantos estragos causa. O combate a esta praga é já hoje possível, mas para ser economicamente viável há que observar com cuidado o olival de forma a fazê-lo só quando necessário e na oportunidade devida.

Inspeccionar as prumagens para lhes quebrar os ladrões se aparecerem e os enxertos para os aliviar da vegetação desnecessária.

Chovendo, estravessar ou redrar mais uma vez com grade de molas ou escarificador, e abafar de seguida ou ao mesmo tempo.

NAS VINHAS

O mês de Junho é um dos meses mais críticos para a vinha sob o ponto de vista da sua sanidade. O mildio, se ataca, pode destruir a produção pela invasão dos cachos, que faz cair e abortar. E o oídio, se o tempo é favorável, não mais os abandona até que aparece o pintor.

Tem de estar-se atento para intervir sem tardança. A calda cúprica ou as caldas de fungicidas orgânicos de síntese continuam a aplicar-se preventivamente; o enxofre usa-se curativamente, quando o oídio se manifesta.

Se num ou noutro ponto, porque houve descuido, é ineficaz, recorre-se à calda de permanganato a 0,75 a 1 por mil. Lembrem-se ainda as vantagens das caldas mistas de cobre e enxofre ou de orgânicos e enxofre. Os modernos enxofres molháveis e os micronizados facilitam a sua preparação e aplicação.

Apesar de bastante diferente, tem-se confundido já o mildio com o oídio. Depois dos bagos estarem já vingados,

aparece uma modalidade de mildio que é designada no Minho por guedelho.

O aspecto pulverulento à primeira vista indica o oídio ou cinzeiro. Mas observação mais atenta mostra logo as diferenças: o guedelho é, a bem dizer, mais granuloso e mais claro e na primeira fase, despega-se do bago com facilidade; o cinzeiro, farinha ou farinhoto é pó mais fino e acinzentado.

O tratamento com o enxofre é ineficaz contra o guedelho. Só as caldas de permanganato, seguidas de caldas cúpricas podem, até certo ponto, entrar a doença.

À medida que a temperatura se eleva e o ar seca diminuem as possibilidades de ataques tanto do mildio como do oídio. Mas, é, nos sítios baixos, nos vales apertados e mal arejados, onde a humidade possa acumular-se, que o mildio e o oídio podem fazer estragos se não se estiver atento.

A desfolha e o esladramento

São operações que se completam e andam ligadas. Tiram-se as folhas mais velhas, abaixo do primeiro cacho e eliminam-se todos os ladrões ou mamões que não seja necessário aproveitar para formar vara de poda. A desfolha está indicada nas videiras muito folhudas e nos sítios mais húmidos e menos ventilados. Favorece a limpa ou purga e facilita os tratamentos fungicidas. Mas é necessário fazê-la com especial cuidado. Não se pode, como é frequente, arrancar ao acaso. Cortam-se as folhas a meio pé só onde é preciso e sempre pela parte debaixo do primeiro cacho.

O esladramento deve preceder a desfolha. É que a eliminação de um ladrão basta às vezes para evitar o corte de folhas.

No tronco, até os primeiros braços, todos os ladrões desaparecem, a não ser que seja necessário deixar nalgum liso uma espera. Nos braços cortam-se todas as varas que apareçam em volta da principal. Deixando-as, prejudica-se não só o crescimento da principal como posteriormente, na poda, se têm de fazer

outras tantas feridas. Geralmente não se presta o devido cuidado a este pormenor e daí o acontecer que as varas de poda são más e as cepas enfraquecerem com os sucessivos ferimentos.

Correntemente as varas desnecessárias são esgarçadas. O processo é mau, porque dá origem a ferimento grande. É mais recomendável quebrá-las o mais possível. Com o polegar e o indicador, o serviço faz-se rapidamente. A unha do polegar também às vezes se usa vantajosamente.

NOS POMARES

Enxertar, ainda, de anel, enquanto a casca der, nas regiões mais frescas — amendoeiras, ameixeiras, castanheiros, nogueiras e pessegueiros; e de escudo (olho vivo) os citrinos e outras fruteiras.

Observar a ligadura dos enxertos feitos anteriormente e eliminar os rebentos dos cavalos ou padrões.

Redrar e regar os pomares de espinho e os bananais. — Cortar os rebentos em excesso das bananeiras e libertá-las das folhas secas e da flor dos cachos. — Aplicar cal ou sucedâneos, nos terrenos que a não possuam de preferência na forma líquida.

Defender das pragas e malinas: do pedrado das pereiras com caldas apropriadas; — da lepra do pessegueiro; — das lapas, escamas e cochonilhas com emulsões oleosas de Verão; — dos piolhos ou pulgões com caldas nicotinadas, e caldas apropriadas que se encontram no mercado; da mosca da fruta, com frascos apanha-moscas ou caldas clordânicas; de vários insectos, com faróis-armadilhas durante a noite.

NOS VIVEIROS

Mudar plantas do seminário para o plantório. — Sachar, mondar, regar e eslaroar. — Aplicar nitrato ou nitramoncal

ou água choca, se for necessário estimular.

Enxertar segundo as espécies dos cavalos que existam, especialmente as fruteiras de caroço por anel, apito, gaita ou canudo.

Abrijar nascidos do excesso do Sol, especialmente das laranjeiras e de eucaliptos.

NAS MATAS E NOS MATOS

Recolher gema nos pinhais de acordo com as boas regras técnicas.

Descortiçar, segundo as regras estabelecidas e com o cuidado necessário para não ferir o entrecasco ou a mãe da cortiça.

Cortar matos para camas e estrumes, cuja produção pode intensificar-se pela elevação do calor onde não falte água.

Limpar aceiros e arrifes.

Intensificar a vigilância contra incêndios.

NOS JARDINS

Semear ainda em sítios frescos e abrigados dos ardores do Sol, anémonas, boas-noites, chagas, galhardias, gipsofila, papões. — Alporcar craveiros.

Transplantar papagaios, sécias, zinias; e mudar, para os vasos maiores, os crântemos enraizados.

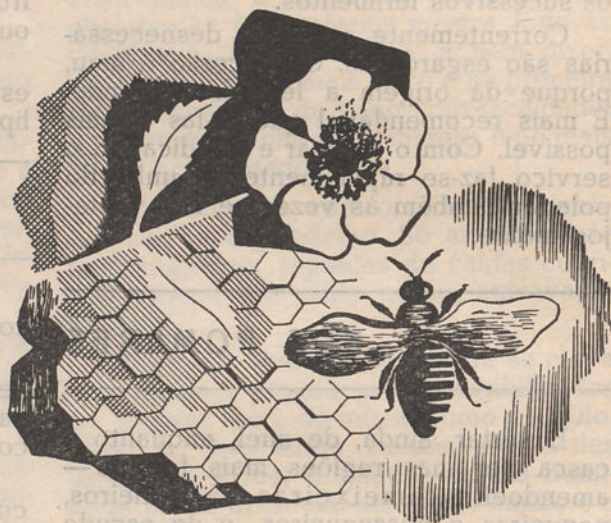
Regar, mondar e sachar intensamente.

Desligar os enxertos das roseiras, feitos anteriormente, quando tiverem 3 a 4 folhas, para que se não dê o estrangulamento dos ramos; — aplicar nitrato, nitramoncal ou água choca àquelas cuja floração quiser prolongar-se. — Estacar as dalias.

Cegar os botões excessivos aos craveiros em flor, para que esta atinja toda a pujança.

Levantar as cebolas das plantas que já floriram — lírios da Transilvânia, gladiolos, jacintos e tulipas, quando as folhas principiarem a amarelecer.

O APIÁRIO EM JUNHO



PROCEDE-SE à colocação de alças, no norte do País, segundo o critério e as regras mencionadas no mês anterior.

No sul terminam, geralmente nesta quadra, as extracções do mel; mas na zona central é quando se iniciam.

Em todas as localidades em que as abelhas costumem fazer ainda uma colheita serôdia de néctares, as alças, depois de esvaziadas do seu conteúdo, são, ao anoitecer, novamente colocadas nas colmeias, onde se deixam ficar até Setembro ou Outubro, conforme a região do País.

Nesta altura é que se faz a extracção do mel outonoço e se retiram as alças definitivamente para o armazém.

Nas regiões, porém, em que as abelhas não consigam proporcionar-nos nenhuma colheita no tarde, as alças, após a extracção, voltam para as colmeias apenas pelo espaço de dois ou três dias, a fim dos favos serem limpos dos restos de mel que contenham, sendo depois desse prazo retiradas para casa, onde ficam empilhadas até à Primavera

seguinte, desinfectando-se periodicamente com vapores de enxofre por causa da «traça».

Toda a cera proveniente de favos velhos, bem como a resultante da desoperulação deve ser, conforme dissemos no mês anterior, rápida e cuidadosamente purificada e depois enviada para uma oficina de moldagem.

Continua a recomendar-se a todos os apicultores a conveniência de apartarem, por ocasião da cresta, alguns quadros com favos de mel operculado, que deverão conservar armazenados, a fim de poderem socorrer facilmente, e com eficácia, os enxames que durante o Inverno venham a apresentar-se com falta de provisões.

Sendo já elevada a temperatura nesta altura do ano deve proceder-se à distribuição pelo apiário de tachos com água, munidos de bóias de cortiça, para as abelhas se dessedentarem.

Convém igualmente proporcionar maior arejamento a todos os enxames que forem encontrados a fazer «barba», isto é, que mostrem sofrer de excesso de calor.

Defendamos do fogo as florestas

Por JOAQUIM JOSÉ DE MATTOS FERNANDES
Eng. Silvicultor

NOS últimos anos tem sido o País muito afectado por numerosos incêndios nas matas, alguns de grandes proporções, o que tem chamado a atenção dos Serviços Florestais e do público sobre este importante problema.

É certo que as condições meteorológicas adversas não podem ser esquecidas. Porém, não se lhe podem atribuir todas as culpas pois as estatísticas claramente indicam que muitos foram provocados por descuido e imprevidência do homem e que, por consequência, com um pouco de mais cuidado, poderiam ter sido evitados.

Portugal é um país eminentemente florestal; um terço do país está coberto de matas que dão ocupação a milhares de trabalhadores e representam uma quota importante do produto nacional.

Tal riqueza não pode, obviamente ficar à mercê de um turista incauto, de um foguete de romaria mal queimado, ou de simples fagulha de uma locomotiva... A sua protecção exige o cuidado e a cooperação de todos, tanto dos Serviços responsáveis, como dos particulares, mediante uma acção conjugada que há-de ter por base um perfeito conhecimento das suas verdadeiras causas e em especial dos meios preventivos, que tão poderosos são, para redução do número de ocorrências e consequentes prejuízos.

Com o intuito de chamar a atenção dos leitores desta Gazeta para tão importante problema, assim contribuindo para a campanha preventiva, tão necessária, se apontarão seguidamente alguns pontos de maior relevância no problema em questão.

Os povoamentos florestais do continente cobrem segundo os últimos apuramentos, uma área já superior a 3 000 000 ha, representando uma taxa de arborização superior a 33%, que é bastante satisfatória em confronto com as verificadas noutros países. A sua importância social é enorme porquanto ocupa em mão-de-obra o equivalente ao trabalho de 360 000 operários agrícolas. Quanto ao seu valor económico, uma estatística recente permitiu estimar o valor anual do rendimento da floresta em cerca de 2 000 000 de contos. Parte dos produtos florestais são exportados, contribuindo em cerca de 30% para o valor do Comércio Externo.

Estes números dão por si uma ideia da importância do problema florestal entre nós, aliás amplamente reconhecido quer no Plano de Povoamento de 1938, quer nos mais recentes Planos de Fomento, dos quais o segundo, agora em curso, prevê a arborização de 8000 ha em diversas bacias hidrográficas.

Um dos aspectos a considerar a par do esforço de repovoamento florestal em que a Direcção-Geral dos Serviços Florestais e Aquícolas está empenhada é o do combate aos incêndios que ocorrem por áreas arborizadas.

Considerando apenas as florestas sob a administração da Direcção-Geral dos Serviços Florestais e Aquícolas, relativamente às quais existem elementos concretos, as perdas totais causadas nos últimos cinco anos pelos incêndios ultrapassam uma área queimada de 10 000 ha

com um prejuízo avaliado em cerca de 14 000 contos, ou seja como média anual:

uma área queimada de 2000 hectares
e um prejuízo de 2800 contos

o que amplamente justifica a atenção que este problema tem merecido dos Serviços Florestais.

Uma primeira acção a tomar consiste evidentemente, em determinar as causas



e a natureza dos incêndios, pois estes são os elementos de partida para a acção subsequente ao seu ataque.

Assim, de todos é conhecida a influência das condições meteorológicas no que respeita à eclosão e propagação dos incêndios. É um problema complexo pois muitos são os factores que intervêm. Não nos podemos limitar à apreciação das condições presentes, pois o tempo passado é da maior importância também.

Contudo estudos levados a efeito para determinar a medida em que os elementos climáticos contribuem para o problema dão algumas indicações que é útil divulgar. Assim pode estimar-se o «risco de incêndio» em função dos valores de alguns factores meteorológicos mais importantes.

Este risco será «alto» se a média das temperaturas mínimas for superior a 30° C., a humidade relativa inferior a 25% e a precipitação mensal inferior a 50 mm.

O risco será «baixo», por outro lado, para temperaturas inferiores a 12° C., humidade relativa superior a 60% e precipitação mensal superior a 100 mm.

Como é do senso comum as condições de risco alto coincidem com os meses de verão e nestes se situa a chamada «época normal de fogos» em que há necessidade de tomar as maiores precauções. Nesta época os factores citados e ainda o tempo de insolação elevado, a grande evaporação e irradiação solar provocam no bosque e manta viva um estado de secura extremamente propício à eclosão e propagação dos incêndios.

Então, sobre o meio favoravelmente preparado, pequenas causas como uma ponta de cigarro, uma fogueira mal extinta, etc. podem facilmente originar incêndios, causadores dos maiores prejuízos.

Há o maior interesse em estudar e analisar as causas destes incêndios e

por isso, para cada fogo que ocorre nas matas do Estado se procede ao levantamento de um auto em que se registam todos os elementos de interesse, assim se obtendo valores estatísticos que permitem certas conclusões.

Desta forma e tomando em consideração as ocorrências dos cinco últimos anos obtiveram-se, para as diferentes causas de incêndios as seguintes percentagens:

15% — Caminhos de ferro, raios e outras causas

35% — Origem desconhecida

50% — Causados pelo homem, directa ou indirectamente

Esta última percentagem revela bem a necessidade de adoptar medidas preventivas mais eficientes que permitam a redução do número de ocorrências.

Dada a importância de que se reveste

o problema dos incêndios, a Direcção-Geral dos Serviços Florestais e Aquícolas dedica-lhe particular atenção procedendo ao estudo sistemático das suas causas, distribuição e extensão, etc., e especialmente dotando os seus perímetros florestais de meios destinados a minimizar os prejuízos derivados a incêndios.

Assim do ponto de vista preventivo adoptam-se técnicas tendentes a reduzir o perigo de incêndio ou os prejuízos por eles causados se vierem a eclodir, nomeadamente a introdução de espécies folhosas, resistentes ao fogo, orlando os aceiros e arrifes, abertura de caminhos florestais, redes divisionais, etc. pensando-se também na instalação de postos meteorológicos elementares que permitam efectuar a previsão do risco de incêndio e reforçar as medidas normais de prevenção e combate nestes períodos.

Para efeitos da sua detenção rápida, está sendo montada na medida das possibilidades, uma rede de postos de vigia — estando já instalados cerca de 50 postos — que permitirão manter uma vigilância constante sobre grandes extensões florestais. Estes postos estão dotados de localizadores de incêndios e de comunicações telefónicas ou radiotelefónicas com as sedes das Administrações e Circunscrições Florestais por forma a reduzir ao mínimo o tempo decorrido entre a eclosão do incêndio e o início do ataque ao mesmo.

O combate ao incêndio, uma vez localizado, é em princípio, feito pelo pessoal dos Serviços que se encontra na região, bem como pessoal que por conta de outrem, eventualmente, se encontra a trabalhar nas matas e ainda elementos das povoações vizinhas.

Para obviar aos inconvenientes resultantes da improvisação são organizadas,

durante a época normal de fogos, brigadas de ataque a incêndios que estão sempre prontas a entrar em acção. Elas são constituídas por trabalhadores florestais, que no resto do ano se ocupam de outros trabalhos nas matas e estão equipados com material moderno e eficiente.

No entanto estas brigadas ainda são em número reduzido, pelo que se terá nalguns casos que recorrer ao auxilio de Corporações de Bombeiros, unidades militares, etc., cuja cooperação é a maior parte das vezes indispensável e sempre valiosa.

Esta acção dos Serviços não é porém suficiente. Há que a completar pela acção individual estimulada pela promoção de uma vasta campanha educativa, que está em curso, procurando-se que todos os sectores da população tenha dela conhecimento e visando a incutir no público o interesse pela conservação da floresta.

Esta campanha deve ser ampla e abranger todas as pessoas, quer vivam



nos campos ou nas cidades, quer pertençam à população escolar ou se trate de adultos, pois todos perdem quando a floresta arde!

A acção junto da população escolar poderá ser feita por meio de palestras, filmes focando as causas de incêndios evitáveis, as técnicas de combate, etc.. Esta instrução poderá variar de região

DEMONSTRAÇÃO DE MOTOCULTIVADOR

No passado dia 26 de Abril assistimos, por amável convite da Agência

A demonstração foi efectuada por um técnico alemão, para o efeito deslocado, Sr. Gerhard Roos, tendo-se realizado em terras da freguesia de S. Pedro Firso, do concelho da Maia.



O motocultivador Gutbord equipado com «escarificador»

Gutbord, em Portugal, a uma demonstração do novo motocultivador de 4 rodas daquela reputada marca.

cola e bom número de lavradores, que a Agência Gutbord cumulou de atenções.

A máquina de curiosa concepção, mostra reais qualidades para certos trabalhos complementares e mantém as características do material Gutbord, a pluralidade de emprego.

À demonstração assistiram técnicos dos Serviços Oficiais, Imprensa Agrí-

para região, tendo em consideração as condições locais. Assim nas regiões rurais estes programas poderão ser completados pela exploração de pequenas matas adstritas às escolas, que muito podem ajudar a compreender o valor da floresta.

Em relação à população adulta deverá ser dada ênfase nos prejuízos originados pelos incêndios e que a todos afectam.

Assim um fogo causado pela falta de cuidado de um turista que deita um cigarro mal apagado numa mata, faz perder o rendimento ao proprietário, tira trabalho ao lenhador, a caça ao caçador e afecta ainda o próprio causador tirando-lhe a possibilidade de poder usufruir o prazer da mata.

Também se devem divulgar amplamente as disposições legais em vigor e, em especial, as medidas de precaução especiais mais importantes como:

proibição de deitar pontas de cigarro ainda acesas para as matas;

conveniência de fazer a limpeza dos terrenos em torno das fogueiras;
remoção de árvores mortas e de todos os materiais combustíveis.

Finalmente deve inculcar-se em todos a noção de cooperação para que espontaneamente dêem o seu auxílio às brigadas de ataque a incêndio, quer individualmente quer constituindo grupos de voluntários. Por esta acção, individual e colectiva, podem evitar-se grandes prejuízos e cada fogo, mesmo pequeno, representa, em potência esse prejuízo.

Quer pela acção preventiva quer na combativa o auxílio das populações é inestimável e muito pode contribuir para a conservação da floresta, rico património que nos foi legado pelas gerações passadas e que por todos os meios nos cumpre conservar e engrandecer para transmitir às gerações futuras.

VIDEIRAS PORTA-ENXERTOS

DESCRIÇÃO MORFOLÓGICA DAS VIDEIRAS PORTA-ENXERTOS

Por ALFREDO BAPTISTA
Eng. Agrônomo

(Continuação do n.º 2493 pág. 293)

261-50

Berlandieri × Rupestris du Lot 261-50

DE COUDERC

1 — Pâmpanos

Abrolhamento: verde, com reflexos acobreados, muito ligeiramente pubescente.

Estípulas: com cerca de 8 mm de comprimento.

Entrenós: levemente avermelhados do lado da luz, glabrescentes e nitidamente costado-estriados.

FOLHAS NOVAS

Coloração: verdes, com reflexos acobreados, nas folhas mais novas, tornando-se rapidamente verdes, com as nervuras avermelhadas, junto ao ponto peciolar, na página superior e ligeiramente avermelhadas na inferior, nas folhas mais velhas.

Recorte principal: sub-trilobadas ou, por vezes, trilobadas nas folhas mais novas, tornando-se sub-inteiras nas seguintes.

Recorte marginal: lobos dentados, com os dentes mais largos do que compridos.

Aurículas: bastante afastadas nas folhas mais novas e afastadas, com os

bordos internos sub-paralelos e seio peciolar em U bastante aberto, nas mais velhas.

Limbo: empolado junto ao ponto peciolar e levemente dobrado em goteira



261-50

pela nervura principal mediana, com a página superior glabra ou glabrescente e a inferior muito ligeiramente pubescente.

Peciolo: ligeiramente avermelhado, simultânea e ligeiramente tearneo e pubescente.



261-50

2 — Folhas adultas

Dimensões e forma: geralmente pequenas, quase tão largas como compridas, sub-reniformes.

Recorte principal: sub-trilobadas ou sub-inteiras, raramente trilobadas ou quinquelobadas; folhas da base do pâmpano sub-inteiras.

Recorte marginal: lobos denticulados, com os dentes acentuadamente mais largos do que compridos; lobos com os ápices geralmente não destacados do recorte marginal, sobretudo os lobos laterais.

Mucrão: acobreado, medianamente desenvolvido.

Aurículas: afastadas, por vezes bastante afastadas, formando respectiva-

mente seio peciolar em V aberto ou muito aberto e um ângulo agudo no ponto peciolar.

Limbo: espesso, sub-liso ou ligeiramente empolado, ondulado na margem, com a página superior verde-clara, levemente brilhante, geralmente glabra e a inferior sensivelmente da mesma cor, glabra ou puberulenta, sobretudo nas nervuras principais e secundárias; nervuras principais geralmente pouco avermelhadas em ambas as páginas, junto ao ponto peciolar.

Peciolo: avermelhado, em regra ligeiramente tearneo ou simultaneamente tearneo e puberulento; caneladura nitidamente acentuada.

3 — Sarmentos

Castanho-pardacentos, frequentemente castanhos na região dos nós; entrenós curtos, de secção elíptica, geralmente com uma face plana ou, por vezes, com duas faces planas; finamente costado-estriados; lenticulas medianas, medianamente dispersas; gomos pequenos.

4 — Flores

Fisiologicamente femininas, frutificando escassamente.

5 — Porte da planta

Sub-erecto.

301 A

Berlandieri × Rupestris 301 A

DE MILLARDET

1 — Pâmpanos

Abrolhamento: acobreado e levemente rosado-acarminado, cotanilhoso ou tearneo-cotanilhoso.

Estipulas: com cerca de 4 mm de comprimento.

Entrenós: vinhosos do lado da luz, tearneo-cotanilhosos nos entrenós superiores e tearneos nos inferiores, nitidamente costado-estriados.

FOLHAS NOVAS

Coloração: as folhas mais novas acobreadas, tornando-se rapidamente verdes, com as nervuras vinosas em ambas as páginas, nas folhas mais velhas.

Recorte principal: sub-trilobadas ou sub-quinquelobadas.

Recorte marginal: lobos crenado-dentados, o lobo superior com o ápice acuminado.

Aurículas: afastadas, de bordos internos sub-paralelos, formando seio peciolar em U.

Limbo: bolhoso, empoadado junto ao ponto peciolar, ligeiramente dobrado em goteira pela nervura principal mediana, com a página superior tearanea e a inferior igualmente tearanea, sobretudo nas nervuras principais, nas folhas mais novas, tornando-se gradualmente glabrescente, com as nervuras puberulentas, na página superior e ligeiramente puberulento, com a nervura principal mediana simultaneamente tearanea, e tufo de pêlos nas axilas nervais, na inferior, nas folhas mais velhas.

Peciolo: vinoso, cotanilhoso nas folhas mais novas e simultaneamente tearaneo e pubescente nas mais velhas.

2 — Folhas adultas

Dimensões e forma: geralmente pequenas ou, por vezes, medianas, quase tão largas como compridas, orbiculares.

Recorte principal: geralmente sub-quinquelobadas; as folhas da base do pâmpano igualmente sub-quinquelobadas, em regra.

Recorte marginal: lobos crenado-dentados, com os crenos e dentes mais largos do que compridos, o lobo superior e os laterais com os ápices sub-acuminados.

Mucrão: acobreado, pouco desenvolvido.

Aurículas: afastadas, de bordos internos sub-paralelos, ou, por vezes, aproximadas, formando ângulo agudo no ponto peciolar.

Limbo: medianamente espesso, bolhoso e empolado, ligeiramente dobrado em goteira pela nervura principal mediana, com a página superior verde-escura, sem brilho, glabrescente, com as nervuras principais e secundárias ligeiramente pubescentes, e a inferior mais clara, ligeiramente pubescente, mais acentuadamente nas referidas nervuras que se apresentam também ligeiramente tearaneas, e tufo de pêlos nas axilas nervais;



301 - A

nervuras principais intensamente vinosas em ambas as páginas.

Peciolo: intensamente vinoso, simultânea e ligeiramente pubescente e tearaneo, com predomínio do aspecto tearaneo; caneladura muito acentuada. O comprimento do peciolo é, em regra, cerca

(Conclui na pág. 440)

A importância do sulfonitrato de amónio em VIVEIROS DE ARROZ

Por JOSÉ FARINHA
Regente Agrícola

(Conclusão do n.º 2495, pág. 377)

E variável o número de adubações a fazer em cobertura num viveiro de arroz uma vez que a quantidade de azoto a empregar ou a utilizar em proveito das pequenas plantas, está pendente de vários factores. Em primeiro lugar da fertilidade natural do terreno onde se instala o viveiro, depois dos cuidados e culturas a que o mesmo vem sendo submetido não só ao longo do ano mas até em anos anteriores, também variam ainda com os preceitos técnicos que cada orizicultor tomar como base, tendo em vista a instalação do viveiro.

É naturalmente evidente que se o viveiro for instalado em terreno pela primeira vez submetido a este tipo de cultura, é normal que não exija os mesmos cuidados que um outro há vários anos entregue a este fim. O normal, o corrente relativamente aos terrenos de viveiro, até porque estes não abundam se tivermos em vista as melhores condições da sua exploração, é recorrer-se à utilização do mesmo terreno durante vários anos. Como por outro lado resultam deste facto, conforme é do conhecimento geral dos orizicultores, vários tipos de inconvenientes, que a lavoura da especialidade como medida de prudência orienta os trabalhos do viveiro do seguinte modo: — Logo que se conclui o arranque das pequenas plantas e que o terreno o per-

mite, faz-se uma lavoura a todo o terreno do viveiro, lavoura que se deixa em aberto até se verificar o conveniente enxugue de toda a terra, fazendo-se em data oportuna mais uma gradagem e por último a lavoura de sementeira. Para semear o terreno do viveiro, como regra dá-se preferência a uma cultura sachada — milho, feijão, etc. — pois deste modo torna-se possível fazer algumas correcções, que recorrendo a um novo tipo de fertilizações, quer fazendo novas mobilizações, como seja a sachada e a montoa. Estes e outros preceitos técnicos permitem uma assinalada melhoria no terreno do viveiro, que, com a ajuda das adubações de cobertura, permitem a obtenção daquilo que aqui habitualmente se chama um bom viveiro, isto é, boa nascença, com grande abundância de plantas relativamente fortes e de rápido desenvolvimento vegetativo, que são afinal os objectivos que mais interessa atingir no viveiro.

Por algumas das razões que já tivemos oportunidade de aqui apresentar, do grupo de adubos que podem aplicar-se em cobertura, damos preferência ao sulfonitrato de amónio. Escolhido o material fertilizante vejamos quantas adubações devem fazer-se em coberturas, e qual a quantidade de sulfonitrato a gastar em cada adubação. Como é evidente e em razão dos comentários que fizemos na primeira

parte destas notas, não é possível dar uma resposta concreta às perguntas formuladas, uma vez que, tanto a quantidade de adubo a gastar, como o número de adubações a fazer, variam principalmente com o aspecto geral do viveiro, e, de certo modo, com a conveniência que há em antecipar ou retardar a plantação.

Como regra fazem-se duas adubações, a primeira quando as pequenas plantas têm cerca de vinte e cinco dias, a segunda, por volta dos cinquenta dias—isto apenas em referência ao caso geral—uma vez que tanto a primeira, como a segunda, podem afastar-se relativamente bastante das datas mencionadas. É que há casos em que se tem o máximo interesse em retardar o desenvolvimento das plantas enviveiradas, por exemplo, quando são grandes as plantações a fazer e vários os viveiros. Assim, enquanto há todo o interesse em «puxar» por uns—neste caso, portanto, antecipam-se na medida do possível as adubações—interessa por outro lado, que outros se vão desenvolvendo muito mais lentamente, a fim de evitar que a «planta» cresça depressa de mais e «envelheça» no viveiro.

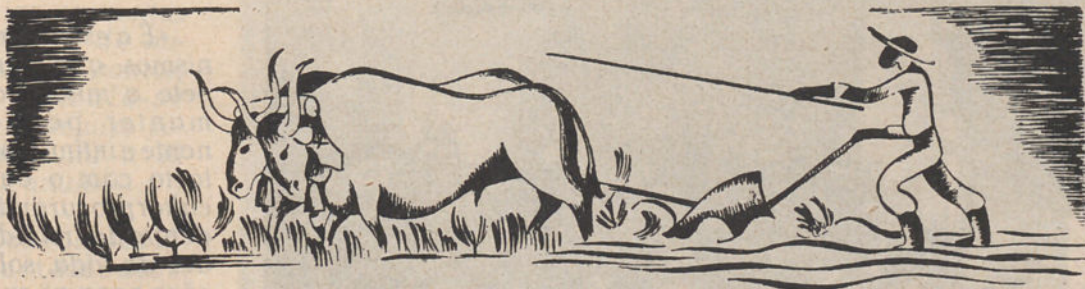
É na base do que atrás se diz que se antecipam ou retardam as adubações dos viveiros, do mesmo modo que se aumentam ou diminuem as quantidades de adubo a gastar.

Assim, na primeira cobertura como regra gastam-se entre 150 e 250 quilos hectare, uma vez que as plantas são ainda muito pequenas e se apresentam muito «mimosas»—pelo que o emprego de maiores quantidades, podem ser-lhe manifestamente prejudiciais.

À segunda cobertura, as plantas apresentam-se não só mais velhas, como mais resistentes e mais desenvolvidas o que permite elevar consideravelmente as quantidades de fertilizante a espalhar, que neste caso se situam entre os 300 e 500 quilos hectare.

Há ainda outros orizicultores que em vez de duas adubações, preferem fazer três, tomando como regra ligeiras antecipações na 1.^a e 2.^a a fim de darem oportunidade à terceira, sem que daí resulte aumento na quantidade total do fertilizante que se indica para as duas adubações.

Concluimos dizendo que a adubação do viveiro só deve fazer-se horas depois do sol nascer, isto é, quando as pequenas plantas já estão bem «enxutas» e o terreno do viveiro apenas húmido, por outro lado devem evitar-se as conhecidas «peladas», o que só se consegue com uma perfeita «uniforme» distribuição do adubo pelos canteiros.



EXPOSIÇÃO DA

Estação Agronómica Nacional

NO PORTO

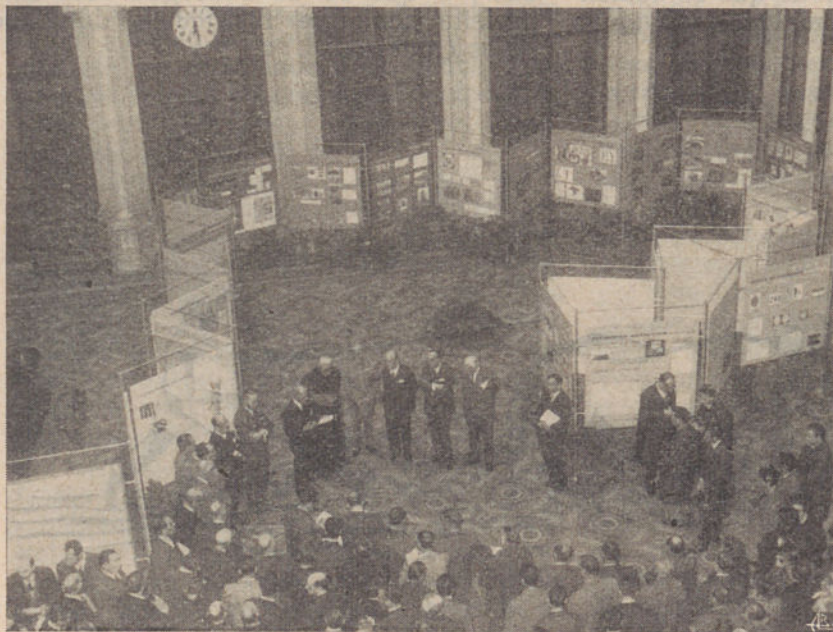
CONFORME já se referiu nas colunas desta revista, realizou-se no Palácio da Associação Comercial, gentilmente cedido para esse fim, uma exposição demonstrativa da actividade da Estação Agronómica Nacional, comemorando o 25.º aniversário da sua fundação.

Damos hoje alguns aspectos dessa exposição e do acto inaugural no qual

usou da palavra o Prof. Victória Pires, director daquele organismo de investigação científica. Do seu discurso arquivamos as seguintes passagens: «*Está sempre presente no nosso espirito a necessidade que o país tem de possuir uma agricultura evoluída, próspera e desafogada. É por isso mesmo que procuramos resolver problemas concretos apoiando-*

nos em elementos científicos cujas soluções chegam ao conhecimento dos agricultores por intermédio dos organismos regionais da Direcção-Geral dos Serviços Agrícolas».

«*É a estes organismos que compete a missão de manter permanente e íntimo contacto com o agricultor procurando, dentro das realidades da vida, soluções para as suas dificuldades, de modo a conseguir que se elevem economicamente os*



Aspecto geral do acto da inauguração



Fala o Prof. Victória Pires, director da Estação Agronómica Nacional

rendimentos e se reduzam os custos de produção».

Ao citar trabalhos já concluídos o Prof. Victória Pires, entre outros, referiu o tratamento da «maromba», carência de boro nas vinhas da região do Douro e afirmou: «A solução encontrada beneficiou a economia dessa região vinícola, de tão grande importância económica, em muitas centenas de milhares de contos, pois calcula-se que o prejuízo seria superior a 20 pipas anuais».

Cada um dos 15 departamentos que constituem a Estação Agronómica apresenta em painéis algumas linhas do seu tra-



Um técnico da Estação Agronómica Nacional presta esclarecimentos aos visitantes

balho. Falando apenas daquelas que estão mais ao alcance do agricultor, diremos por exemplo que se mostram fotografias de algumas castas de uvas de mesa e de vinho que, obtidas na Estação, estão hoje a ser ensaiadas com grande interesse.

Documentam-se igualmente alguns resultados dos estudos feitos sobre árvores de fruto pelo departamento de Pomologia instalado em Alcobaça e chefiado pelo Professor Vieira Natividade. O problema dos insectos nocivos às culturas, como sejam o da mosca e traça da azeitona, das cochonilhas das árvores de fruto, etc., são

objecto de alguns painéis em que se mostra também a evolução de uma das maiores pragas da humanidade: o gafanhoto.

Em matéria de horticultura traduz-se o trabalho do respectivo departamento não só no que respeita ao estudo de cebolas, ervilhas, tomateiros, etc., já existentes no nosso País num total de mais de 200 variedades, como também à obtenção de novas variedades susceptíveis de bons rendimentos na industrialização.

As forragens merecem à Estação todo o interesse e, assim, um só painel documenta, embora muito resumidamente o grande avanço que pode ser dado já a este importante sector da produção agrícola. Basta dizer que do «Trevo da Pérsia», obtido na Estação há alguns anos se cultivaram em 1961/62 cerca de 250 hectares, só para produção de semente certificada.

Outros trabalhos sobre aveias para forragem, tremoço doce, ervilhacas, etc., tiveram igualmente resultados muito compensadores, e estão contribuindo para que o Plano de Fomento Pecuário, em curso, seja levado a efeito, com êxito.

Dentre os painéis referentes ao departamento de Fisiologia destacamos pelos reflexos imediatos que teve na lavoura, aquele que trata da doença do arroz conhecida por Branca e que se verificou ser causada pela falta de cobre nos solos dos arrozais.

Vários trabalhos do departamento de Química como sejam de matéria orgânica, enologia, bioquímica industrial, etc., são apresentados noutra série de painéis, bem como diferentes problemas da composição e valor de algumas forragens.

O melhoramento do Arroz é tratado em dois painéis. As novas variedades obtidas têm sido muito bem aceites nas regiões orizícolas e assim isolou-se uma linha mais precoce da variedade «Settanduno» de que já hoje se colhem em Portugal cerca de 18 milhões de quilogramas.

A técnica de melhoramento está documentada por fotografias e exemplares das plantas utilizadas.

O departamento de Fitopatologia é o mais vasto de todos quantos se apresentam. De facto as doenças das plantas constituem ainda, e apesar de todos os



Aspecto dum painel da exposição

progressos registados nos meios de luta, a maior preocupação do agricultor.

Alguns painéis tratam de doenças da vinha, outros das plantas hortícolas, cereais, fruteiras, batateiras e tantas outras.

A par destes painéis outros se expõem em que são tratados com elevado espírito científico, os problemas fundamentais da vida e cultura das plantas como são os que se referem ao estudo dos solos, da botânica, da genética, do clima e suas consequências, etc.. Conforme se depreende de um dos últimos painéis, a estatística — objecto de um departamento especializado — colabora com todos os investigadores da Estação na interpretação dos resultados dos ensaios que, aos milhares, se fazem em cada ano. Finalmente, os serviços da Biblioteca asseguram a expansão das publicações da Estação em todo o mundo e, além de 2600 publicações periódicas, contém mais de 60 000 espécies (livros, volumes de revistas e separatas) que estão sempre ao alcance do pessoal investigador da Estação.

Árvores e madeiras de Portugal

II—EUCALIPTO

Por ALBINO DE CARVALHO
Eng. Silvicultor

(Conclusão do n.º 2495, pág. 373)

Duração da madeira

Pelo que respeita à duração, a madeira de Eucalipto, quando mantida ao abrigo da humidade, comporta-se bem, sendo, contudo, bastante atacada por carunchos pequenos — *Lycus* spp. —, quer estejam secas, quer em vias disso, nas pilhas. Estes insectos só atacam o borne.

Ao ar livre, nomeadamente em travessas de caminho de ferro, esta madeira é sobretudo destruída por uma Poliporácea, a *Trametes trabea* cogumelo que nela provoca uma podridão fibrosa, castanha-amarelada; outros fungos, como a *Lenzites quercina* e a *Trametes serialis*, são frequentes depredadores dos caibros e vigas das ramadas. Em postes e varolas, é corrente a *Trametes hispida*.

Os tratamentos preservadores, com vista a aumentar a duração da madeira de Eucalipto, não são fáceis; trata-se de madeira difícil de impregnar. Pelos processos de injeção em verde e de imersão a quente e frio, conseguem-se contudo, resultados aceitáveis. Pela primeira técnica, podem melhorar-se as madeiras destinadas a postes ou mesmo a construções rurais; pela segunda, as utilizadas em trabalhos de carpintaria, em esteios de vedação ou de aramação de vinhas etc..

Defeitos da madeira

Os principais defeitos da madeira de Eucalipto são: o *fio espiralado* ou *torcido*, o *lenho de tracção*, a *fissura de tracção*, as *bolsas de goma* e o *cardimento*. A presença do *fio espiralado* é muito grave pelas consequências que tem no aproveitamento das madeiras e revela-se, na árvore, por fissuras na casca, as quais, dispostas em hélice, acompanham e denunciam o enrolamento do lenho. Este defeito constitui a principal causa do descrédito desta madeira e do desprestígio do Eucalipto como essência produtora de peças de grandes dimensões. A várias causas se tem atribuído o aparecimento do defeito nas espécies lenhosas, admitindo-se quase sempre, a sua transmissão hereditária. Contudo, parece que a ocorrência deve estar relacionada com as condições edafoclimáticas de desenvolvimento da árvore. Assim, a selecção cuidada dos «sementões» — que deve preferir os indivíduos de fuste direito e sem pronunciado enrolamento —, a constituição de povoamentos especialmente destinados à produção de madeiras de grandes dimensões, de alto-fuste regular, instalados em terrenos leves, fundos e frescos, em regiões pouco ventosas e de clima suave e hú-

mido, podem conduzir à formação de madeira de aceitável qualidade. Deve acrescentar-se que os «paus» obtidos de rebentos de toiça, nunca podem dar madeira de construção; se, de facto, se pretendem aproveitar tais rebentos para árvores, cedo devem suprimir-se os restantes elementos da toiça, para que o individuo escolhido possa desenvolver-se livremente.

As *fissuras de tracção* resultam de fortes traumatismos sofridos pela árvore e que provocam a brusca encurvadura



Intenso *enrolamento* do fuste do Eucalipto, revelado por fissuras helicoidais da casca

do fuste, com tal intensidade que originam a rotura do lenho. Na maior parte dos casos, este defeito é motivado por destruidoras rajadas de vento, sendo, por isso, muito frequente nas «estações» mais desabrigadas. Reduzem-se os perigos de aparecimento deste motivo de depreciação dos toros, constituindo povoamentos densos e uniformes e evitando bruscos clareamentos.

O lenho de *tracção* e as *bolsas de*

goma também resultam de acções mecânicas que sujeitam o sistema aéreo da planta a tensões fortes, constantes ou bruscas. Assim, o primeiro defeito aparece com muita frequência na metade do fuste exposto aos ventos dominantes ou do lado convexo dos troncos encurvados — com desvios geotrópicos motivados por desequilíbrio da copa, ventos dominantes, desigual iluminação, etc.. As *bolsas de goma*, são menos graves do que os *meleiros* dos Pinheiros.

Os nós não constituem grave defeito na madeira de Eucalipto, sobretudo quando as árvores se desenvolvem em povoamento.

Vimos, ao referir algumas pragas e doenças do Eucalipto, que ele é bastante sujeito ao ataque de vários fungos que provocam diversos tipos de *cardimento*, desvalorizando ou mesmo inutilizando a madeira e causando sempre o enfraquecimento ou a morte das toiças. De todos os fungos, o mais vulgar é a *Phellinus torulosus*, que provoca uma podridão alveolar castanha, chegando a formar extensas galerias, aparecendo os carpóforos na base da árvore, junto ao colo. A frequência com que este cogumelo se encontra em quase todos os povoamentos, deve ser responsável pelo elevado número de árvores de grande porte «cardidas». Nas toiças, aparecem ainda a *Polyporus sulphureus* — que pode transmitir-se às árvores provenientes dos rebentos —, a *Leptoporus imberbis*, que origina uma podridão fibrosa branca, e a *Lenzites quercina*, reconhecida pelas suas frutificações coriáceas, e que produz uma podridão lamelar branca.

Se os cuidados tendentes a evitar a infecção das árvores pela *Ph. torulosus* são difíceis de realizar, é possível, contudo, nas talhadias, tomar medidas que permitam mantê-las em bom estado sanitário. Assim, os cortes devem ser inclinados e lisos, para facilitar o rápido escoamento das águas, convindo arrancar e queimar os cepos ou partes deles infectadas. Evitar, nas árvores adultas, feridas profundas que possam expor o cerne. Atender, sobretudo, ao colo e às raízes mestras.

Aproveitamento tecnológico

Os produtos lenhosos provenientes dos eucaliptais são, sobretudo de duas naturezas: madeiras de pequenas dimensões e madeiras de grandes dimensões. O aproveitamento destes dois tipos de matéria-prima são, também, distintos. Assim, as madeiras de pequenas dimensões, em grande parte consumidas como combustível, são utilizadas, tecnologicamente, na indústria química (pasta para papel) e na produção de esteios para vários fins, inclusive para a exportação, bem como na de varas e varolas destinadas a construções rurais. Os esteios de Eucalipto têm, também, aplicação na entivação mineira, nomeadamente nas explorações do sul do País, pensando-se que deveria fomentar-se a sua exportação. De facto, as características mecânicas desta madeira, fibrosa, de lento rebentamento, conferem-lhe propriedades meritórias para a finalidade em questão, até pela circunstância de dar o «alarme» quando se avizinha qualquer desmoronamento.

Embora exista a tendência para reduzir o consumo das lenhas, deve referir-se que a madeira de Eucalipto é bom combustível e capaz de produzir carvão de qualidade.

As madeiras de grandes dimensões são utilizadas na construção civil, na marcenaria, na carpintaria, na tanoaria, em travessas de caminho de ferro, em desenrolamento (fabrico de cestos e vasos, «empalhamento» de garrafões, etc.), em estacaria e mastros para barcos, etc.. A madeira de Eucalipto tem sido também usada como recurso no fabrico de formas para calçado, embora não reúna as características exigidas em tão delicada manufactura.

Estes são os aproveitamentos mais correntes da madeira de Eucalipto. Noutros campos se pensou já utilizá-la, nomeadamente na produção de *painéis de partículas*, sendo animadoras as perspectivas, apesar de certas dificuldades que se supõe de fácil resolução.

Além dos produtos lenhosos, a rama do Eucalipto é utilizada na extracção de

óleos essenciais, com larga aplicação em farmácia e em confeitaria. Existem, no País, algumas fábricas que procedem à destilação das folhas.

Mas, não estão exauridas as possibilidades de aplicação dos produtos fornecidos pelos eucaliptais. Assim, no que respeita aos aproveitamentos químico-tecnológicos, admite-se que a madeira pode ser utilizada na produção de pastas alfa, para dissolução, de pastas semi-químicas, de painéis de fibra e de furfurool, com pré-hidrólise, e que, das cascas, se pode extrair tanino. No fabrico de painéis de fibra, é legítimo pensar no aproveitamento



Fissura de tracção em *Eucalyptus globulus* Labill. com prononciadíssimos destacamento longitudinal no terço médio do fuste

integral das pequenas árvores, compreendendo também a casca.

Dentro das transformações físico-tecnológicas, espera-se que venha a ter maior aceitação no fabrico de painéis de partículas e mais larga utilização nas aplicações tradicionais, desde que se estudem e fomentem as mais adequadas téc-

nicas de conversão e de secagem. No que a estas diz respeito, muito mal se tem procedido ao aplicar a madeira tão difícil os métodos tradicionalmente usados na laboração do pinho. Por isso, os resultados são, na maior parte das vezes, bastante maus, com elevadíssimo volume de desperdícios, factos que muito têm contribuído para desacreditar a madeira e para desprestigiar a espécie como produtora de peças de grandes dimensões.

Oportunamente, indicamos, de forma sucinta, algumas normas que devem aconselhar-se na conversão e na secagem da madeira de Eucalipto. Importa, porém,



Pormenor de fissuras de tracção em *Eucalyptus globulus* Labill.

criar a noção exacta de que ela exige processos adequados de laboração, sem os quais será muito improvável obter resultados aceitáveis. Não há dúvida de que a valorização e a reabilitação da madeira de Eucalipto—referimo-nos, como é evidente, a madeiras de construção—depende, em larga medida, da tecnologia da transformação.

O futuro da cultura do Eucalipto em Portugal é verdadeiramente promissor, quer pela magnífica adaptação da espécie a quase todos os nossos solos e climas, quer pelos extraordinários crescimentos, quer, ainda, pela aceitação que os seus produtos têm nos vários campos da indústria. Basta reparar que ele produz, presentemente, a maior parte da matéria-prima transformada pelas nossas fábricas de pasta para papel.

É possível, assim, que a superfície ocupada por esta exótica continui a aumentar em ritmo até hoje inigualado. Julga-se, porém, que tal fomento não deve fazer-se indiscriminadamente. Várias razões podem os especialistas em questões ecológicas, biológicas, silvícolas e económicas, invocar a favor e contra a expansão da cultura do Eucalipto no País. De qualquer sorte, importa, de momento, atentar no facto de que o incremento a que, por toda a parte, se assiste, muitas vezes em detrimento de outras essências, pode levantar, no futuro, problemas de certa gravidade, pondo em causa, até, a sobrevivência de determinadas indústrias. Por outro lado, afecta o valor do nosso património florestal.

Considerando, porém, a evolução registada e não sendo de admitir, nos próximos anos, inversão do critério de arborização nos terrenos particulares, há que aceitar como realidade a existência do Eucalipto como espécie produtora de madeiras de grandes dimensões. Se assim é, importa tudo fazer para melhorar a qualidade dos seus produtos. Julga-se ser possível caminhar em frente, em busca deste objectivo, seguindo três vias:

- a) selecção muito cuidada dos «sementões», pelo que respeita ao defeito *fio espiralado*;
- b) escolha conscienciosa das «estações» de cultivo;
- c) tecnologia de conversão primária adequada a madeira tão difícil.

Na reabilitação da madeira de Eucalipto cabe, assim, lugar da maior importância à Silvicultura.

Algumas notas

SOBRE O CARRO DE BOIS

Por FERNANDO GALHANO

DE princípio o homem terá começado por usar, como único meio de transporte, o seu corpo vigoroso e duro; e logo também o processo instintivo do arrasto, na deslocação de pedras e troncos mais pesados (des. 1— a, b). E da facilidade com que os movia quando a superfície de atrito era lisa, nasceu certamente a ideia da zorra, que foi de início possivelmente um simples ramo bifurcado (des. 1— c).

Como todos sabemos, tal processo é ainda hoje usado, principalmente no transporte de pedras. As *zorras* ou *côrsas* actuais, ora aproveitam, como talvez as desses tempos longínquos, o tronco bifurcado, ora são uma grade de paus espessos e fortes, com travessas transversais nas quais descansa a carga; quando recobertas por um estrado de tábuas, são empregadas na deslocação de terra a pouca distância. Dentro desta categoria de veículo estão certamente incluídos os trenós dos países frios, ou aqueles que em certas zonas montanhosas e arborizadas transportam para os vales os toros de árvores abatidas.

Na nossa Ilha da Madeira é este também o grande processo tradicional de transporte. A ilha é de tal modo acidentada, com vales tão profundos e abruptos, que só há poucos anos ali existem estradas para carros. O próprio carro de bois encontrava-se apenas na ponta ocidental, de terras mais planas (carro por sinal muito parecido com certos carros da Beira-Alta). A *côrsa*, então o único processo de transporte, além do carreto às costas ou das «macas», é um trenó que

desliza nas lascas de basalto com que são calcetados os estreitos sinuosos e longos caminhos. Puxada a bois ou a muares no Funchal, a vacas ou a gente pelo resto da ilha, ela conduz tudo o que é preciso transportar, desde o vinho à cana do açúcar, e da lenha aos cachos de bananas.

A *côrsa* é constituída por dois pranchões postos de cutelo (desenho 2), unidos por três ou quatro travessas (outras vezes, em lugar dos pranchões, são simplesmente 2 troncos a toda a grossura); à travessa da frente estão amarradas as *solas*, uma ou duas conforme o tiro é feito por uma junta ou um único animal. *Côrsas* mais leves, reduzidas a uma ligeira armação de tabuasitas, são usadas pelos miúdos para irem buscar lenha aos altos, na zona dos matos, que depois guiam correndo pelos caminhos abaixo, com uma perícia de pasmar.

* * *

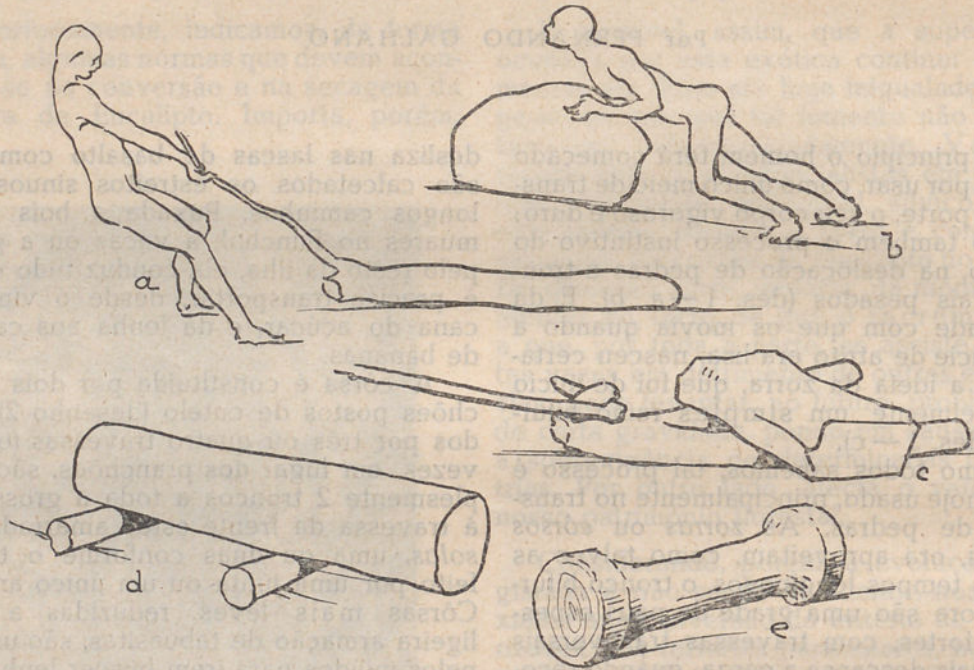
Foi o rolo que em seguida aproximou o homem da descoberta da roda? Rolo ou rolos, sobre os quais se iriam rolando madeiros ou calhaus (des. 2— d), podem ter, com efeito, pelo adelgaçamento entre as duas extremidades (des. 2— e), constituído o primeiro rodado. Ainda actualmente é sobre rolos que se deslocam pedras e cargas pesadas, e o seu uso é geral e constante em qualquer dos nossos pequenos portos de pesca, para o deslocamento dos barcos no areal.

De qualquer modo, o factor decisivo para o desenvolvimento do transporte sobre veículos, foi a domesticação de

animais, que passaram a fornecer a força de tracção.

O carro pròpriamente dito parece já existir em certas zonas da Península antes da Idade do Bronze. Mas os desenhos insculpidos em pedras, que indicam essa existência, são de tal modo primitivos e esquemáticos que não fornecem sobre eles senão uma informação precá-

colas e de transporte geral: um carro de leito curto e sólido com um robusto eixo móvel e duas rodas cheias (reforçadas muitas vez por travessa cruzadas), e puxado por uma junta de bois. Carro representado em numerosas esculturas e desenhos gravados, os quais evidenciam a sua semelhança com o carro rural português puxado a bois, tal como ele, nas



Desenho 1

ria e duvidosa. Eles parecem mostrar, contudo, figurações de carros de duas e quatro rodas, o que, pelo grau de evolução que estes últimos representam, e pela falta de ferramenta indígena necessária para o seu fabrico, lhes atribue origem oriental. É só mais tarde, com a conquista romana, que o uso do carro se deve ter espalhado verdadeiramente por toda a área do que é actualmente Portugal. A espantosa máquina administrativa e técnica, cortando estradas pelas regiões mais montanhosas, e pondo em cultura as terras dos vales até aí cobertas por matagais e florestas, tornou sem dúvida indispensável a sua divulgação. O carro introduzido foi, como é natural, o usado pelo invasor, em trabalhos agri-

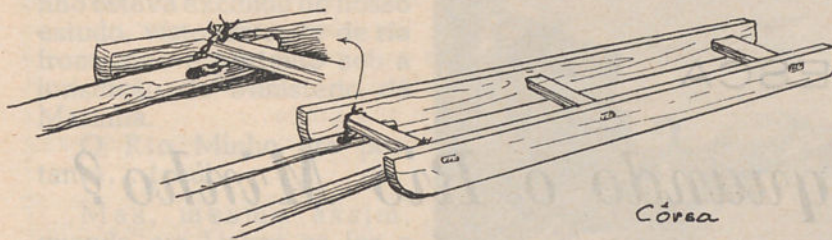
suas variantes, se encontra ainda em muitas zonas do País.

* * *

Dessas variantes do carro de bois tradicional português, tal como ele chegou até aos princípios deste século, a mais importante é a da forma do leito, estrado ou chedeiro. Em grande parte do Norte e do interior beirão, o esqueleto desse estrado é formado pela comprida cabeçalha central, à qual se unem à frente as duas chedas encurvadas: várias travessas ligam ou encadeiam estas três peças. Numa segunda forma, usada pelo litoral central, pela Estremadura, e pelo Alentejo (enquanto ali existiram), o estrado é rectangular, sendo assim as peças que

representam as chedas completamente direitas. E por último, em opposição a estes dois sistemas, que são no fundo relativamente afins, o chedeiro do carro

para começar, o carro de bois (*carro chião* ou *carro manchego*) desapareceu rapidamente, substituído pelos carros de machos; como último vestígio poder-se-á



Desenho 2— *Córsea* da Ilha da Madeira

do Norte e Leste trasmontano apresenta uma configuração e factura totalmente diferente: a cabeçalha não existe — pelo menos nos moldes das outras —, e o jugo é aplicado à ponta dum tronco que se abre a meio em quase todo o seu comprimento, sendo estas metades duma peça inteiriça que, convenientemente afastadas e encurvadas, desempenham o papel das chedas.

Mais ou menos acompanhando estas formas do estrado, os rodeiros (com diâmetros maiores ou menores, ou mais ou menos vazados) e outros pormenores caracterizam formas secundárias regionais, por vezes muito definidas. Essas formas devem ter tido talvez pequenas transformações muito lentas, ou mantiveram-se mesmo sem qualquer mudança, até aos começos deste século. Desde então para cá a transformação é mais rápida e profunda. Para além do Tejo,

quando muito encontrar uma ou outroroda desmantelada, semelhante às minhotas, mas de muito maior diâmetro. No Noroeste é o chedeiro que se vai modificando, multiplicando-se a peça que passa a substituir a parte curva das chedas,

peça que passa a fazer a união à cabeçalha, e que é geralmente conhecida por *marmela*. Esta modificação é intensa em zonas mais penetradas por ideias e processos modernos, e onde por outro lado o carvalho de que as chedas eram feitas rareou e se tornou caro; todas essas peças passaram a ser de pinho e de factura mais barata. É pois à área a norte de Braga, ou ao Riba-Douro e bacia do Tâmega, que terá de ir, quem quiser encontrar com abundância carros de chedas encurvadas. Também o velho rodado de eixo móvel desapareceu quase por completo em grandes áreas do litoral nortenho, mais progressivas ou abertas, substituído pelas rodas de raios, de eixo fixo.

É sobre alguns pormenores de vários carros de bois que se falará no próximo artigo.



CAÇA E PESCA

Para quando o Rio Minho?

por ALMEIDA COQUET

III

NO meu artigo anterior, apresentei algumas das reacções colhidas na Galiza, quanto à necessidade de um bom entendimento entre Portugal e Espanha, para num esforço conjunto dos dois países, se entrar num caminho de protecção eficaz às espécies que do Atlântico vêm ao Rio Minho para procriar. E se nós, portugueses, desejamos esse entendimento, também os nossos vizinhos o pretendem.

Será assim tão difícil entrar nesse caminho?

Recordemos.

Houve um regulamento acordado entre os dois países peninsulares, que vigorou desde Julho de 1897. Era bom? Era mau?

Não vem agora ao caso discuti-lo. Bastará dizer somente que esse regulamento existiu até aos princípios do regime republicano em Portugal, e nessa ocasião, o país vizinho denunciou-o. E desde então nada mais houve que não fosse a orientação que as autoridades, de uma e de outra parte, entendiam dever dar à pesca e fiscalização — talvez um tanto apoiados no regulamento denunciado — mas, na verdade, sem mais qualquer entendimento entre os dois Governos, através de um novo acordo concertado em comum e firmado como é de uso.

Nesses tempos, o Rio Minho era riquíssimo em peixe que ali vinha desovar. E tão rico era, que foi fácil admitir sem

remorso a pesca exaustiva, legal e ilegal, que nos trouxe até à situação angustiosa presente.

Passaram anos e em 1953, todos os jornais deram conhecimento, com o maior relevo, às reuniões de Novembro e Dezembro daquele ano, da comissão Luso-Espanhola nomeada pelos dois Governos peninsulares para solucionar o assunto, e do trabalho da qual saiu um projecto de novo regulamento.

Perguntarei também. Seria bom esse regulamento projectado? Seria mau?

Também não sei. Apenas se conhece que ele baixou à Comissão Internacional de Limites, e aí ficou.

Parece saltar imediatamente à ideia que só haveria duas soluções para o trabalho apresentado pela Comissão Luso-Espanhola:

- a) — se era útil, que fosse por diante a sua execução;
- b) — se tinha defeitos, que se fizesse o necessário para o corrigir.

Mas deixá-lo esquecer... é que me não parece solução condigna perante a importância da matéria.

Quando em 1956 fiz parte, juntamente com o meu amigo e confrade na pesca, o Dr. António Carvalho de Pinho, de Monção, da comissão nomeada pelo então Ministro da Economia, Dr. Ulysses

Cortez, para o assunto das águas interiores do país, tivemos a *surpresa* de saber, no início dos nossos trabalhos, que o caso do Rio Minho estava excluído do nosso estudo, visto tratar-se de rio fronteiro e portanto sob a jurisdição do Ministério da Marinha.

O Rio Minho era portanto... tabú!

Mas, mesmo assim, quando em Lisboa se fez a entrega do trabalho da comissão ao referido Ministro, o Dr. António Pinho fez a entrega de uma «moção» por ele redigida, e que ambos subscrevemos, que dizia:

Os rios limitrofes terão regulamentos especiais estudados de acordo com a Espanha e de entre eles devemos chamar a atenção em especial para o caso do Rio Minho. E assim, considerando:

1. que o Rio Minho é o único rio salmoneiro de Portugal e os seus salmões são dos que atingem maior peso na Europa;

2. que o Rio Minho tem trutas mariscas das maiores do mundo (El Salmon y su Pesca en España, Direccion General del Turismo);

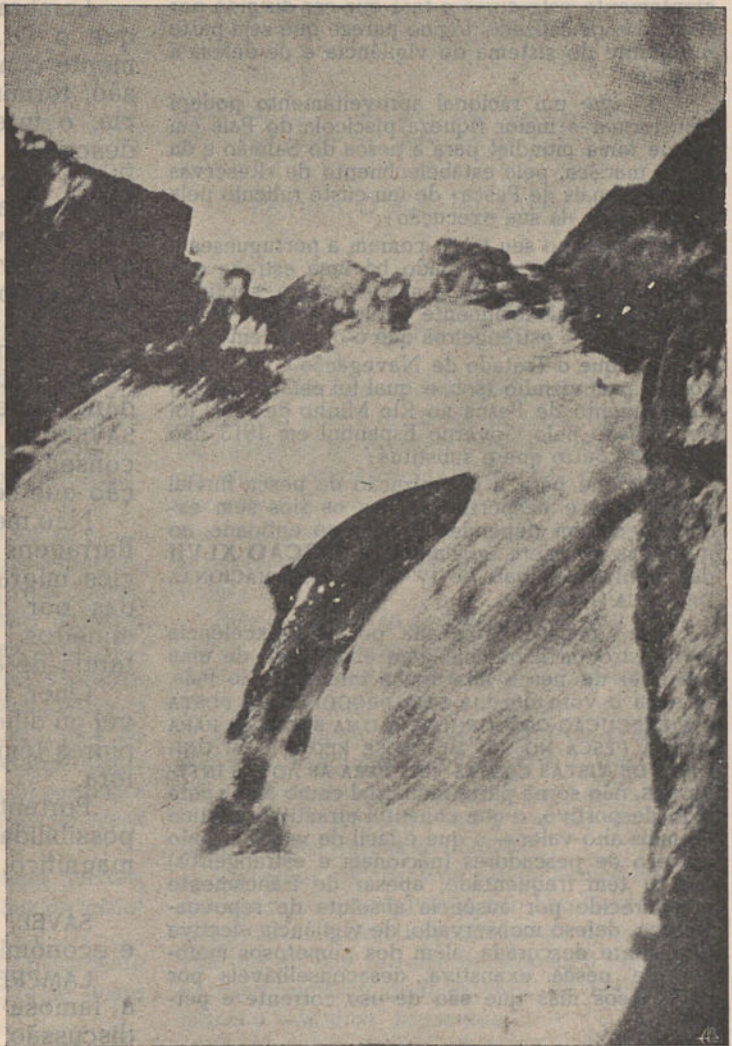
3. que o Rio Minho tem afluentes em condições óptimas para o seu aproveitamento como «Reservas Nacionais de Pesca» para trutas (comum e marisca);

4. que no Rio Minho não existe qualquer *defeso* e fácil será iludir o cumprimento das leis das águas interiores do país vendendo-se na região e nas que lhe são mais chegadas (podendo até fazê-lo de lés a lés de Portugal pela facilidade de comunicações) as espécies defendidas em tal período, bastando para isso que se alegue a proveniência deste rio do norte;

5. que o rio Minho tem no sável uma fonte notória de proventos para os pescadores profissionais;

6. que a lampreia influi turisticamente dando movimento extraordinário a hotéis e casas congêneres da sua margem esquerda;

7. que as espécies menos valiosas (bogas, escalos, robalos, tainhas, mугens, savelhas, solhas, enguias, etc.) só por si são fonte de receita apreciável para os profissionais e motivo para pesca desportiva sedentária a não desprezar;



Enquanto o SALMÃO luta desesperadamente contra as correntes para atingir desovadouros ideais, o HOMEM corta-lhes o caminho com barragens intransponíveis...

8. que o salmão diminui assustadoramente sendo de admitir a sua extinção (caso já verificado nos rios Lima e Cávado);

9. que o sável é cada vez menos abundante;

10. que a truta marisca escasseia;

11. que até a prolífica lampreia começa a rarear;

12. que o fomento de tal valor piscícola tem que merecer a atenção superior, no que seguimos a opinião expressa pelo Deputado sr. Dr. Cerveira Pinto no aviso-prévio na Assembleia Nacional, cuja moção final foi aprovada por unanimidade;

13. que o POSTO AQUÍCOLA DE MONÇÃO (dos Serviços Florestais e Aquícolas) fica situado e em condições de repovoar intensa, continua e profi-

cientemente este curso e terá que ser dirigido por técnico especializado, lógico parece que seja parte integrante do sistema de vigilância e de defesa a montar;

14. que um racional aproveitamento poderá transformar a maior riqueza piscícola do País em rio de fama mundial para a pesca do Salmão e da Truta marisca, pelo estabelecimento de «Reservas Internacionais de Pesca» de um custo ridículo pela simplicidade da sua execução;

15. que no seu troço comum a portugueses e espanhóis só do nosso lado há uma estrada que o acompanha em toda a sua extensão, servindo povoações que facilmente darão guarida a todos os nacionais e estrangeiros que o demandem;

16. que o Tratado de Navegação e Comércio com o país vizinho (sob o qual foi estabelecido o Regulamento de Pesca no Rio Minho de 1897) foi denunciado pelo Governo Espanhol em 1913, não existindo outro que o substitua;

17. que para a organização da pesca fluvial profissional e desportiva, todos os rios sem excepção devem depender de uma só entidade, ao que aliás se refere igualmente a **MOÇÃO XLVII** das resoluções finais do IV CONGRESSO NACIONAL DE PESCA (1955);

— a Comissão nomeada por Sua Excelência o Ministro da Economia para elaboração de uma nova lei de pesca nas águas interiores do País, formula o voto de que SEJA PROCURADA E POSTA EM EXECUÇÃO COM URGÊNCIA UMA SOLUÇÃO PARA QUE A PESCA NO RIO MINHO SE REGULE EM UNIDADE DE VISTAS COM AS LEIS PARA AS ÁGUAS INTERIORES, não só na parte industrial como ainda pelo lado desportivo, o que constitui atractivo turístico do mais alto valor — o que é fácil de verificar pelo número de pescadores (nacionais e estrangeiros) que o têm frequentado, apesar de francamente empobrecido por ausência absoluta de repovoamentos, defeso inobservado, de vigilância efectiva totalmente descuidada, além dos numerosos métodos de pesca exaustiva, desaconselháveis por perniciosos mas que são de uso corrente e permitidos.

Claro que foi mais um *papel* que ficou a dormir. No entanto teve a sua vantagem, pois assim, o Ministro da Economia ouviu falar com extraordinária insistência do Rio Minho; foi portanto uma pequenina achega para despertar a atenção de um membro do Governo que tão interessado se mostrou no assunto.

Lembra-me até, na conversa amena que o Dr. Ulysses Cortez tão amavelmente concedeu aos membros da Comissão, terminada a parte oficial da audiência, o interesse do Ministro ao ouvir a descrição colorida que o Dr. António Pinho lhe fez das trutas mariscas do Minho, da sua pesca desportiva, e até das suas virtudes e delícia na parte culinária! Teve sua graça...

Mas voltemos ao rio e às suas riquezas.

Estaremos ainda em posição de se voltar à situação antiga de colossal abundância de SALMÕES, TRUTAS DE MAR, SÁVEIS E LAMPREIAS? Poder-se-á ainda conseguir a recuperação integral da posição que se deixou perder?

Não me parece. Os tempos são outros. Barragens sem *passagem* para as espécies migratórias; águas impuras e poluídas por dejectos, esgotos industriais e mineiros, tudo vem dificultar imenso a tarefa de agora.

Quer isto dizer que a acho impossível ou difícil? Nada disso. Situações muito piores têm sido vencidas por esse mundo fora.

Portanto, mãos à obra, porque temos possibilidades de obter um resultado magnífico, pelo menos em três espécies:

SÁVEL, de tão precioso valor alimentar e económico;

LAMPREIA, absolutamente necessária à famosa culinária local, atractivo sem discussão para as correntes turísticas da região;

TRUTA DE MAR, de valor incalculável para a pesca desportiva, portanto, para o desenvolvimento do turismo.

Quanto ao SALMÃO, o caso é talvez um pouco diferente, que deixarei para o próximo artigo.



MIRANTE

TURISMO E FOLCLORE

Pelo CONDE D'AURORA

*H*Á, na realidade, uma euforia de "turismo" e "folclore", acaso desmedida.

Mas somos assim: já nos convencemos que o comezinho emparcelamento de uns oitocentos hectares valorizados pela ajuda de umas centenas de contos de obras do Estado — eram a carta de alforria do agro lusitano...

Somos assim...

Agora é também o turismo e o folclore.

Escreveu-o, há dias, um dos nossos maiores jornalistas: o turismo é arma de dois gumes: entrada de divisas por uma banda; entrada, simultânea, de péssimos costumes alheios...

Defendamo-nos o mais possível desse segundo aspecto do turismo, especialmente o turismo barato, que mais vale um turista de grande classe — um inglês da Madeira! — que dez turistas de classe baixa, esses franceses de carro atrelado que trazem com eles cama, mesa e roupa lavada, ou não...

Aliado do turismo é o chamado folclore. Claro que o actual folclore nada tem do inicial folk lore.

O que por aí anda é, salvo tão raras quão honrosas excepções, da peoria que se possa conceber.

Por principio, tudo quanto é museificado, perde a frescura natural — como a forçada floreação de estufa.

E o par de namorados romeiros, rodopiando na pójeira acre e luminosa da serra, rodeados da figuração de presépio Machado de Castro da aldeia, orquestrados pelos mil ruídos da terra livre e vegetal — encerrados, enjaulados nas táboas sepulcrais de um palco cenografado a papelão, perde, logo de entrada, 50% de valor.

Mas se a mão do homem os começa a espezinhar, a alindá-los, desde a marcação valseada da revista à indumentária teatreira, então lá se vão os outros 50% sobranes.

E esta compita de tantos ranchos folclóricos múltiplos e seguidos como as letras do alfabeto (do alfabeto chinês, porque se fossem só 23...)!

Jardins zoológicos — salvo o devido respeito... pelos jardins zoológicos...

Travemos, fiscalizemos, disciplinemos, coordenemos, essa destravada, não fiscalizada, indisciplinada e descordenada vaga alterosa e extensa do tão falsamente chamado folclore — principalmente quando arma no chamado "rancho folclórico" passeante.

ENSINAMENTOS ÚTEIS

(De Rádio Rural)

O pinheiro bravo, como essência de luz, precisa de boa iluminação para poder desenvolver-se satisfatoriamente. Nos povoamentos novos, a falta de luz revela-se frequentemente pelo desfolhamento, aparecendo as árvores despidas de folhas e sem renovos. Nos povoamentos mais velhos (30-40 anos), a densidade económica faz com que os pinheiros fiquem muito altos e delgados demais, terminando numa pequena copa com poucos andares, fracos e quase sem folhas.

No seu próprio interesse, senhor agricultor, proceda aos desbastes necessários.

*

Através das cortinas de abrigo consegue-se criar o micro-clima capaz de atenuar o efeito nocivo dos ventos, impedindo a perda das águas do solos, protegendo as culturas herbáceas das radiações solares excessivas, favorecendo a fotosíntese, além de se regularizar a distribuição da água das precipitações atmosféricas, a evaporação, o regime dos rios etc..

Por este meio das cortinas de abrigo, senhor agricultor, ajuda-se a restabelecer o equilíbrio floresta-agricultura.

Serviço de CONSULTAS

REDACTORES—CONSULTORES

Prof. António Manuel de Azevedo Gomes — do *Instituto S. de Agronomia*; Dr. António Maria Owen Pinheiro Torres, Advog.; Dr. António Sérgio Pessoa, Méd. Veterinário—*Director da Estação de Avicultura Nacional*; Artur Benevides de Melo, Eng. Agrónomo—*Chefe dos Serviços Fitopatológicos da Estação Agrária do Porto*; Prof. Carlos Manuel Baeta Neves — do *Instituto Superior de Agronomia*; Duílio Marques, Eng. Agrónomo; Eduardo Alberto de Almeida Coquet, Publicista; Dr. José Carrilho Chaves, Médico Veterinário; José Madeira Pinto Lobo, Eng. Agrónomo — da *Estação Agrária de Viseu*; Mário da Cunha Ramos, Eng. Agrónomo—*Chefe do Laboratório da Estação Agrária do Porto*; Pedro Nuncio Bravo, Eng. Agrónomo—*Professor da Escola de Regentes Agrícolas de Coimbra*; Valdemar Cordeiro, Eng. Agrónomo — da *Estação Agrária do Porto*; Vasco Correia Paixão, Eng. Agrónomo — *Director do Posto Central de Fomento Apícola*.

II — FRUTICULTURA

N.º 51 — Assinante n.º 44 051 — Odivelas.

ESCOLHA DE LARANJEIRAS

PERGUNTA — Venho pedir o favor de me indicar onde poderei obter determinada variedade de laranja que conserva o fruto na árvore até bastante tarde.

Acontece que eu tenho na minha quinta umas laranjeiras cujos frutos, se ficam na árvore um período mais longo, nunca excedendo Abril ou Maio, se não caem acabam por secar.

Ora, nas Termas de Monfortinho, nas terras do sr. Conde da Covilhã, em frente ao balneário, existem algumas laranjeiras que conservam os frutos até bastante tarde, até quase Outubro e, assim, eu gostaria de adquirir algumas desta variedade, pois tenciono plantar umas duas dúzias de laranjeiras e tangerineiras numa pequena propriedade que possuo nas Termas de Monfortinho, cujo terreno é novo tendo sido alqueivado com uma profundidade de nada menos de um metro.

Também gostaria de saber se será possível fazer-se lá a plantação de uma amendoeira.

Aproveito também para pedir o conselho sobre que espécie de barbado será mais indicado plantar na citada propriedade.

RESPOSTA — A variedade de laranja tardia mais aconselhável é a Valencia Late, variedade que aconselhamos para a propriedade referida.

São ainda aconselháveis as meio tardias—Setúbal, Vale de Besteiros ou Tua.

Pelo que se refere a tangerineiras as mais aconselháveis são:

Setubalense

Carvalhal, esta possivelmente é um híbrido de laranja e tangerineira

Satsuma.

Não tem o mínimo interesse cultural a plantação duma amendoeira, muito especialmente numa zona que não tem condições para esta cultura.

Se, porém, desejar ter uma amendoeira, poderá plantá-la, pois esta vegetará, mas não lhe prometemos que tenha amêndoas.

Na altura actual é condenável a cultura dispersa de espécies e variedades, muito mais ainda quando estas se não adaptem às regiões.

Não resistimos à tentação de deixar um conselho a todos os Senhores lavradores, cultivem apenas aquilo para que tenham mais possibilidades e não tenham a preocupação que os antigos tinham, de produzirem tudo.

No caso particular das fruteiras deverão, aqueles que têm condições para tal e só esses, constituir pomares, apenas com uma espécie, e dessa espécie apenas com duas ou, no máximo três variedades. Lembrem-se que hoje a cultura é cara e que não podem dispor de mão-de-obra, que têm de produzir barato, e, finalmente, que é absolutamente necessário sujeitar as fruteiras a um esquema de tratamentos complexo, o que só é possível se estas estiverem juntas num pomar devidamente ordenado.

Quanto a porta-enxertos de videira aconselhamos, para as variedades: Rufete, Catelão, Tourigo, Moreto e Arinto o Teleck 5 BB, para o Hercial o 161/49 ou o 110 R para o Rabo de Ovelha o 110 R ou o 99 R.

Conforme as castas que tenciona cultivar assim deverá escolher os porta-enxertos.

O que deu melhor afinidade com a maioria de castas foi o Teleck 5 BB.—*Madeira Lobo.*

VII — PATOLOGIA VEGETAL E ENTOMOLOGIA

N.º 52 — Assinante n.º 45 092 — Barcelos.

ENXERTIA DE VIDEIRAS

PERGUNTA — Tenho uma propriedade onde há 4 anos venho plantando e enxertando videiras, sem resultado. Os garfos que tenho empregado são de tinto e borraçal em cavalo Jaquez porque noutros prédios têm-me dado bom resultado. A forma de enxertia é no chão e cobertos com montículos de terra. Todavia, depois de passada a época, nota-se nos enxertos, ao descobri-los, umas manchas brancas, daí evoluindo para o apodrecimento. Neste sentido envio uma amostra para exame.

Que doença será e como devo tratá-la?

Além do exposto, outros pouco desenvolvem, ficam de elos muito curtos e com vários rebentos em alguns dos seus olhos. Tratar-se-á da maramba?

Tinha pensado fazer uma adubação associada de Nitrofoska e Fitobor. É de aconselhar?

Mais declaro que no referido prédio, tenho usado para adubação o estrume de curral e o Nitrofoska; só o ano passado nada mais empreguei do que uma boa calagem. No entanto, os enxertos voltaram a aparecer com a mesma doença.

Em face do exposto, venho pedir o favor de me informar o que se lhe oferecer sobre o assunto.

Em consequência desta doença, tenho grande quantidade de enxertos com perfuração e outros com principio disso. Ainda poderei remediar o mal?

RESPOSTA — Nenhuma perfuração que pudesse ser levada à conta de estragos de parasitas do tipo lepidóptero, coleóptero ou outros foi encontrada no material remetido. O apodrecimento verificado nas zonas de enxertia, deve em nosso entender, ser devido principalmente a uma imperfeita condução da técnica desta prática.

Tenha presente que a boa soldagem dum porta-enxerto é sempre função da boa afinidade entre o garfo e o porta-enxerto. Os variados pormenores da sua execução devem ser respeitados, nunca facilitados, e de forma alguma diferenças notáveis de calibre devem existir entre as partes postas em contacto. Este mesmo deve ser perfeito e se possível isolado por um mastique.

A escolha dos porta-enxertos mais próprios, quer para o terreno quer para a variedade a enxertar é norma que o sr. Consulente deve conhecer.

Sobre esta escolha permita-nos sugerir-lhe:

a — *Terras fundas e frescas, ou terras secas de sub-solo fresco* ou com possibilidades de rega — Corriola ou 420-A, este especialmente para castas brancas.

b — *Terras secas, de meia encosta* — Teleck 8 B — especialmente para castas brancas; 161/49 especialmente para castas tintas, muito principalmente Vinhão. — *Benevides de Melo.*

*

N.º 53 — Assinante n.º 44 521 — Bragança.

PRAGA DE RATAZANAS

PERGUNTA — Numa propriedade do campo apareceu uma praga de ratazanas que me tem causado danos, tanto nas culturas como nas águas que fazem perder.

Comprei na farmácia um remédio «Ratasana» que apliquei conforme indicação do fabricante, mas não deu resultado. Apliquei também várias drogas e também não obtive resultado. Por tal motivo, venho pedir o favor de me indicar a maneira de exterminar esta praga.

RESPOSTA—Vejamos o seu problema. Uma infestação de «ratazanas» danifica-lhe as suas culturas pelas roeduras que certamente provoca e complementarmente as galerias que escavam tais roedores relvovendo-lhe o terreno desviam-lhe as águas dos sítios para onde as pretende encaminhar.

Devemos esclarecer que o murino «ratazana» não é muito animal de «campo». Por vezes surge em laranjais mas não é corrente.

O exterminio da praga nem sempre é fácil, porém existem hoje no mercado raticidas do tipo «Brumoline E» de elevada eficácia raticida. A sua aplicação com os cuidados que preceituam os fabricantes estamos certos que lhe poderá reduzir de forma muito apreciável a população destes indesejáveis roedores. — *Be-
nvides de Melo.*

XVII — ENOLOGIA

N.º 54 — Assinante n.º 20 440 — Coimbra.

SOBRE TRÊS VINHOS

PERGUNTA — As 3 amostras de vinho que envio, são de vinhas situadas perto umas das outras, em terrenos sensivelmente da mesma natureza e com castas de videiras também semelhantes.

A vindima fez-se em boas condições, sendo o mosto mexido três vezes por dia e tendo levado a água necessária para que o vinho ficasse com cerca de 12,5º.

Por cada 100 litros levou também 10 gramas, de metabissulfito e 50 de ácido tartárico.

As vasilhas em que foi lançado o mosto, pequenos tonéis de cerca de duas pipas cada um, foram antes cuidadosamente lavadas, primeiro com carbonato de sódio, na dose de 500 gramas para 10 litros de água, e, em seguida, com Trosilina F. Bayer na dose de 40 gramas para os mesmos 10 litros de água.

O vinho do tonel a que se refere a amostra n.º 1 deixou de «ferver» por alturas de Janeiro; mas o dos outros dois tonéis continua a «ferver», sentindo-se perfeitamente crepitar quando se aplica o ouvido ao batoque, e está turvo, como verificará pelas outras amostras (n.º 2 e 3).

Muito grato ficarei, pois, se quiser fazer o favor de me dizer:

1.º — Qual é a doença deste vinho?

2.º — Qual a maneira de o tratar, se tem tratamento?

3.º — Qual a maneira de evitar que ela se repita?

4.º — No caso de não ser possível tratá-lo, pode utilizar-se o vinho para consumo da casa agrícola?

Desejo ainda esclarecer que o meu vinho costuma clarificar apenas em Fevereiro ou Março e por isso aguardei até agora.

RESPOSTA — Os vinhos n.ºs 1 e 3 têm realmente 12,5º de álcool.

O vinho da amostra n.º 2 tem apenas 12,3º.

— Vinho da amostra n.º 1 encontra-se em bom estado sanitário.

Não descuide os atestos e trasfegas.

— Vinhos da amostra n.º 2 e 3, têm já uma acidez volátil alta, mas dentro da lei (1,06 e 1,09). Podem ser consumidos e até vendidos.

De futuro, terá de arejar esses vinhos, durante a fermentação. O seu poder de conservação é no entanto difícil.

Pode fazer o tratamento seguinte:

1.º Trásfegue sem arejamento, se os vinhos estiverem sobre as borras.

2.º A cada 100 litros de vinho aplique:

Ácido tartárico	20 gramas
Tanino	9 gramas

3.º No dia seguinte aplique, por hectolitro:

Metabissulfito	11 gramas
--------------------------	-----------

4.º Conserve esses vinhos sempre bem atestados. — *Pedro N. Bravo.*

VINHOS - AZEITES — Executam-se todas as análises de vinhos e seus derivados, azeites, banhas, manteigas e todos os produtos de alimentação. Venda de todo o material de análises e reagentes. Cursos de aprendizagem de análises e tratamento de vinhos. Análises de recurso e peritagens em Laboratórios Oficiais, por técnico diplomado. Dirigir ao Estabelecimento VINO-VITO, R. Cais de Santarém, 10-1.º dirt.º — LISBOA — Telefone P. B. X. 27130

XIX — MEDICINA VETERINÁRIA

N.º 55 — Assinante n.º 40 698 — *Cabeceiras de Bastos*.

QUEDA DA CAUDA EM LEITÕES

PERGUNTA — Agradecia que me informassem qual o tratamento que será preciso fazer a fim de evitar que caia a cauda dos leitões.

RESPOSTA — A queda da cauda dos leitões, é devida a infecções que se enxertam muitas vezes devidas a pequenos traumatismos, outras vezes são ocasionadas directamente por infecções transmitidas pelas camas, quando não sejam motivadas por deficiências alimentares.

Convém fazer uma desinfecção rigorosa das pocilgas, com soluto fervente de Antigermina — (uma colher das de sopa para um litro e meio de água). Cremação das camas. Proceda-se a caiações das pocilgas, com leite de cal.

Inspecione a cauda dos leitõezinhos, e verificando qualquer anormalidade, aplique-se duas ou três vezes ao dia, «Tintura de Merthiolate», em pincelagens.

Esta operação também poderá ser efectuada como medida de profilaxia.

Também se poderá ensaiar o soluto alcoólico de cloranfenicol, a 10 o/o para tratamento.

O soluto de Adergon, como o soluto alcoólico de azul de metilénio, a 5 o/o, podem dar resultados satisfatórios, para atingir o desiderato em vista, evitar que a cauda dos leitõezinhos seja atingida por necrose e fique reduzida a um pequeno segmento. — *Carrilho Chaves*.

XXIII — DIREITO RURAL

N.º 56 — Assinante n.º 44 983 — *Celorico de Basto*.

DESABAMENTO DUM MURO SUPORTE

PERGUNTA — Em Dezembro último, verifiquei que um muro de suporte, com cerca de 4 metros de altura, da propriedade de um vizinho, tinha

saido do prumo e ameaçava cair sobre um meu prédio.

Chamei o vizinho e mostrei-lho, dizendo que se este caísse causar-me-ia grande prejuizo nas videiras de um bardo que tenho junto, ao que ele respondeu que ainda estava seguro e que não caia por enquanto, e nada fez para o evitar.

Mas, no principio de Fevereiro findo, o muro sempre caiu sem temporal de qualquer espécie, causando-me o prejuizo previsto.

Dei conhecimento ao mesmo e disse-lhe que tinha pressa de ter a leira limpa para a plantar de batatas sequeiro, e caso ele retirasse a pedra e terra caídas, sem demora, dava-lhe cerca de 4 carros de pedra que possuía naquele local e junto da derrocada. Ele aproveitou, levou a minha pedra e a dele e não só não retirou a pouca terra caída como lançou no meu terreno a terra e o cascalho que tirou das escavações para os alicerces do novo muro e ainda da saibreira que em parte existia a servir também de muro de suporte e que agora substituiu por pedra.

Findo este serviço, recusa-se a retirar tudo o que lá deitou, aconselhando-me a espalhá-lo no meu terreno e, quanto ao desabamento, disse-me que não podia estar debaixo do muro a segurá-lo e que não se recorda de eu o ter avisado anteriormente à sua queda.

Em face disto, pretendo saber:

1.º — Quem tem a obrigação de retirar do meu terreno a terra e pedras caídas no acidente?

2.º — Ele podia utilizar, sem minha autorização, o meu terreno para construir o muro de suporte e lançar-lhe as terras das escavações?

3.º — Não terá ele obrigação de repo-lo nas condições anteriores?

4.º — Não terei direito a indemnização pelo prejuizo sofrido nas videiras?

5.º — Como o terreno não tem água de rega, não terei direito, também, a ser indemnizado pelo impedimento do seu cultivo na quadra própria?

RESPOSTA — Tem o Senhor Consultante razão em todos pontos da sua consulta. Assim, responderei:

À 1.ª pergunta — O proprietário do muro, como é óbvio;

À 2.ª pergunta — Não;

À 3.ª pergunta — Sem dúvida;

À 4.ª e 5.ª — O proprietário do muro tem que indemnizá-lo por *todos* os prejuizos efectivamente sofridos, e que tiveram a sua causa na queda do mesmo muro. — *A. M. O. Pinheiro Torres*.

N.º 57 — Assinante n.º 44 793 — Pampilhosa do Botão.

ÁRVORES E VALAS JUNTO À EXTREMA. ARRANQUE COERCIVO DE EUCALIPTOS

PERGUNTA — Comprei um prédio constituído por olival e vinha, o qual confina com um pinhal pertencente a outro inquilino, pinhal esse que tem junto à extrema pinheiros bastante fortes que me prejudicam bastante, tanto as oliveiras como qualquer cultura que faça nesse terreno.

1.º — Posso abrir uma vala junto à extrema, cortando as raízes, ou terei que deixar alguma distância entre a vala e a extrema?

2.º — No caso de não poder deixar vala aberta, poderei abri-la fechando-a depois?

3.º — Comprei este prédio o ano passado e o dito inquilino já tinha no referido pinhal uma carreira de eucaliptos plantados há uns 3 anos e à distância da minha extrema de uns 10 metros. Poderei obrigá-lo a arrancar os eucaliptos? Como proceder?

O dito inquilino já declarou que não arranca os eucaliptos, nem nunca corta pinheiro algum.

RESPOSTA — 1. Dispõe o art. 2317.º do Código Civil que o dono do prédio vizinho a qualquer plantação de árvores ou arbustos pode arrancar e cortar as respectivas raízes que se introduzirem no seu terreno, bem como os ramos que sobre ele propenderem, desde que, com esse arranque ou corte, não ultrapasse a linha perpendicular divisória, e o dono das árvores o não fizer, a pedido seu, dentro de 3 dias.

E temos como certo que para esse pedido não são necessárias formalidades especiais, podendo ser feito, quer por carta, registada ou não, quer ainda verbalmente, com ou sem testemunhas (cfr. neste sentido Cunha Gonçalves, Tratado, XII, pág. 52 e Dias Ferreira, Código Civil Anotado, IV, pág. 257). Simplesmente, e porque mais tarde pode ser necessária a prova de que foi feito o pedido ao dono das árvores parece-me de aconselhar que tal acto seja testemunhado.

Em tempos, nesta mesma revista, pronunciei-me no sentido de que as despesas do corte das raízes seriam por conta do dono das árvores. Hoje em dia, no entanto, tenho certas dúvidas quanto a este aspecto, pois parece-me que, sendo lícita

a plantação de árvores junto à extrema, e sendo consequência natural dessa plantação o alargamento das raízes para além dessa mesma extrema, o proprietário das árvores não pode ser compelido a arrancá-las, pelo que também não poderá ser obrigado a pagar as despesas que o vizinho faça com o arranque, se ele o não fizer, depois de para tal ser rogado (Cfr. Ac. do S.T.J. de 1-5-62, in Boletim, 117, pág. 495).

2. Quanto à abertura de valas, dispõe o art. 2346.º do Cód. Civil que «todo o proprietário pode murar, valar, rodear de sebes a sua propriedade, acrescentando o art. seguinte que deverá no entanto deixar mota externa, de largura igual à profundidade da vala.

E entende-se por mota a «faixa de terreno com o parapeito resultante de terra extraída da vala» (Cfr. Cunha Gonçalves, Tratado, XII, pág. 141).

3. Concluindo, quanto às valas e arranque de raízes:

a) O sr. consulente pode arrancar as raízes nos termos expostos acima e, se para isso, tiver que abrir uma vala, pode fazê-lo até à extrema, fechando-a depois.

b) Se quiser deixar a vala aberta terá que interpor entre a vala e a extrema uma mota de largura igual à profundidade da vala.

4. Estabelece o art. 1.º do decreto lei n.º 28 039, de 14 de Setembro de 1937 que é proibida a plantação ou sementeira de eucaliptos a menos de 20 metros de terrenos cultivados (ou 30 de terrenos de cultura de regadio).

Pode pois o senhor consulente obrigar o vizinho a arrancar os eucaliptos; e se ele o não fizer voluntariamente — e parece que a tal não está disposto — o senhor consulente terá que o requerer à Câmara Municipal, devendo no requerimento a apresentar na Secretaria ser indicados o fundamento legal do pedido, a espécie e o número de árvores a que respeita, a denominação, situação e limites da propriedade em que estiverem radicadas e o nome e residência do seu proprietário ou possuidor (art. 2.º do decreto citado e do decreto n.º 28 040, da mesma data). — A. M. O. Pinheiro Torres.



INFORMAÇÕES

Calendário de Junho

Durante este mês a duração do dia é de 14 h. e 41 m. em 1, e de 14 h. e 52 m. em 30.

DATAS	SOL		LUA	
	Nasc.	Pôr	Nasc.	Pôr
1 Sábado	5.14	19.55	14.28	2.26
2 Domingo	5.13	19.55	15.24	2.52
3 Segunda	5.13	19.56	16.21	3.19
4 Terça	5.12	19.57	17.17	3.46
5 Quarta	5.12	19.57	18.15	4.15
6 Quinta	5.12	19.58	19.13	4.47
7 Sexta	5.12	19.59	20.10	5.24
8 Sábado	5.12	19.59	21. 6	6. 6
9 Domingo	5.12	20. 0	21.59	6.54
10 Segunda	5.11	20. 1	22.47	7.48
11 Terça	5.11	20. 1	23.31	8.48
12 Quarta	5.11	20. 2	*	9.51
13 Quinta	5.11	20. 2	0. 9	10.56
14 Sexta	5.11	20. 3	0.45	12. 2
15 Sábado	5.11	20. 3	1.19	13.10
16 Domingo	5.11	20. 3	1.50	14.18
17 Segunda	5.11	20. 4	2.24	15.30
18 Terça	5.11	20. 4	2.58	16.42
19 Quarta	5.11	20. 4	3.37	17.55
20 Quinta	5.12	20. 5	4.21	19. 6
21 Sexta	5.12	20. 5	5.10	20.14
22 Sábado	5.12	20. 5	6. 8	21.13
23 Domingo	5.12	20. 5	7. 9	22. 5
24 Segunda	5.12	20. 5	8.13	22.49
25 Terça	5.13	20. 5	9.17	23.27
26 Quarta	5.13	20. 6	10.20	23.59
27 Quinta	5.13	20. 6	11.20	*
28 Sexta	5.14	20. 6	12.18	0.28
29 Sábado	5.14	20. 6	13.15	0.55
30 Domingo	5.14	20. 6	14.12	0.21

Q. C. em 28 às 20 h. 24 m.; L. C. em 6 às 21 h. e 55 m.; Q. M. em 14 às 20 h. e 53 m.; L. N. em 21 às 11 h. e 46 m.

PRADOS

Algumas considerações sobre mistura de sementes

De entre os vários factores que estão na base do êxito ou do insucesso a que se pode ser conduzido quando do estabelecimento de um prado, destaca-se o que diz respeito à mistura de sementes.

A mescla a semear deverá ser cuidadosamente escolhida atendendo não só à fácil adaptação ao clima e ao solo e à resistência ao calcamento e às doenças e pragas, mas também à concorrência das ervas daninhas, à rápida reconstrução após o pastoreio e ao valor alimentar e palatabilidade.

Se se não dispuser de mais do que uma espécie nestas condições, a sementeira far-se-á com essa espécie somente, recomendando-se no entanto, e sempre que possível, a utilização de uma mistura com duas ou três forragens, não esquecendo a indispensabilidade de incluir uma leguminosa.

Na escolha das espécies a misturar, desde que existam várias com fácil adaptação e resistência, procuram-se aquelas que mutuamente se protejam nos períodos críticos, que possuam raízes explorando camadas diferentes de solo, com palatabilidade do mesmo grau e com poder de reconstrução semelhante, de modo a proporcionarem um «tapete» adequado, tanto em quantidade como em qualidade.

A proporção em que as diferentes sementes devem entrar na mistura é um aspecto importante a considerar, tendo-se em vista conseguir um alimento equilibrado.

Note-se que há sempre uma espécie com tendência a dominar numa mistura, ou por ser mais rápido o seu desenvolvimento, ou mercê da maior resistência ou, até mesmo, por ser mais poupada pelos animais em pastagem, havendo assim necessidade de fazê-la entrar na mescla em menor percentagem.

A densidade de sementeira é variável com a natureza do solo, condições climáticas e rusticidade das plantas infestantes, como é evidente.

Assim, nos climas quentes e húmidos a densidade deverá ser menor do que nas regiões secas e de chuvas irregulares.

Casos há em que se torna necessário — à margem das condições climáticas — aumentar a densidade, como nos solos muito compactos, que poderão dar origem a nascimentos deficientes, e também,

nos locais onde a vegetação espontânea é muito densa e persistente.

Outro aspecto decisivo no estabelecimento destas misturas de forragens, é o da época de sementeira.

Nas zonas de sequeiro aconselha-se o Outono, desde que a temperatura não desça abaixo dos oito graus centígrados e não caiam geadas demasiadamente intensas. No entanto, poderá preferir-se a Primavera, quando as chuvas sejam abundantes durante esta quadra e sem que o Verão se revele demasiado seco.

Nas regiões de clima invernal ameno, a sementeira deverá efectuar-se somente após o nascimento da vegetação espontânea, para que se torne mais provável a sua eliminação.

Relativamente às zonas de regadio — e em casos excepcionais de sequeiro — preconiza-se a sementeira primaveril, em virtude de não só se verificar um nascimento mais favorável, mas também pelo facto das plantas não sofrerem atrasos no seu desenvolvimento, e até porque nesta época se torna mais fácil a destruição das ervas espontâneas.

A sementeira pode ser efectuada a lanço ou em linhas pouco afastadas, sendo conveniente, em qualquer dos casos, semear — tratando-se de mesclas — por duas vezes, espalhando em primeiro lugar as sementes mais pesadas, para só depois se lançarem à terra as de menor peso específico.

Mesmo quando se recorre ao uso de semeadores, julga-se vantajoso este procedimento, porque a tendência é sempre a de caírem, primeiro, as sementes pesadas e nuas, e depois as leves e vestidas.

Friza-se a importância da rolagem, logo após a gradagem superficial com que se enterra a semente, pois com ela tem-se em vista aconchegar esta ao solo, proporcionando o perfeito nascimento das pequenas plantas.

As misturas de sementes e as percentagens das espécies participantes, dependem, principalmente, da natureza, profundidade e frescura do solo, da duração preconizada para o prado e do objectivo a atingir — para pasto ou para corte.

As importâncias das mesclas para o estabelecimento de prados impõe o seu estudo cuidadoso, uma vez que a respectiva composição florística desempenha um papel de relevo não só na manutenção da fertilidade do solo, como no combate aos nefastos efeitos da erosão e ainda no alargamento da estação anual de pastoreio.

A luta contra as vespas

O departamento britânico de luta contra os inimigos das culturas organizou, no último Verão, uma grande ofensiva contra as vespas. Serviu-se de um insecticida descoberto por cientistas ingleses e que age com certo atraso, de tal modo que as vespas transportam-no sobre as suas asas e comunicam a todos os habitantes do seu ninho, desde as larvas até à rainha.

Este insecticida, ao qual os insectos não podem resistir, foi espargido nas regiões infestadas, segundo um plano estratégico e fundamental nas proximidades das fábricas de conservas, de refinarias de açúcar, de fábricas de chocolate e de rebuçados,

INTERMEDIÁRIO DOS LAVRADORES

Ensiladeira movida a tractor, compro.
Jorge Silveira — Portalegre.

dos, de pomares familiares e de plantações. Age em 24 horas.

O departamento de luta contra os inimigos das culturas já combatiera com sucesso contra as vespas. Em 1960, 300 pontos tinham sido saneados: 159 padarias, 32 fábricas de rebuçados, 20 fábricas de bolos, 15 fábricas de sumos de fruta e 12 fábricas de conservas. Uma plantação de abrunhos nos Midlands, cuja colheita tinha sido anulada em 1959, não sofreu nenhum prejuízo em 1960 e uma fábrica de pastilhas elásticas, muito seriamente atacada, foi completamente saneada em dois dias.

Boletim Meteorológico para a Agricultura

fornecido pelo
Serviço Meteorológico Nacional

2.ª década (11-20) de Maio de 1963

Influência do tempo nas culturas

O bom tempo durante a década favoreceu a execução dos trabalhos agrícolas e o desenvolvimento das culturas que, na generalidade, apresentam bom aspecto vegetativo. O vento forte prejudicou alguns pomares, principalmente cerejeiras e ameixieiras.

Continuaram os tratamentos fitossanitários contra o mildio, cochonilha, formiga e escaravelho da batateira.

VIDEIRAS PORTA-ENXERTOS

(Conclusão da pág. 417)

do dobro ou triplo do comprimento do limbo da folha.

3 — Sarmentos

Castanho escuro-pardacentos; entronos compridos ou medianos, de secção elíptica, frequentemente com uma ou duas faces planas ou quase; finalmente costado-estriados; lenticulas pequenas, medianamente dispersas; gomos pequenos ou medianos.

4 — Flores

Fisiologicamente femininas, frutificando regularmente.

5 — Porte da planta

Sub-erecto.



A. C. U. F.

(SECÇÃO AGRO-QUÍMICA)

põe à disposição dos Agricultores

a) Produtos para combater males e pragas

Agral LN — Molhante-aderente para incorporar nas caldas insecticidas e fungicidas.

Albolineum — Emulsão de óleo branco para combater as «cochonilhas» ou «lapas» e «icérias».

Mergamma — Desinfectante da semente do milho, à qual assegura protecção contra os ataques do «alfinete» e doenças criptogâmicas.

Cloroxone — Poderoso insecticida com base em Clordane, indicado para o combate à «formiga argentina».

Didimac 10 e 50 — Produtos com base em DDT, especialmente recomendados para o combate à «traça» da batata e das uvas, e ainda ao «bichado» dos frutos, à «teia» da macieira, etc.

Gammexane 50 (sem cheiro) e **P. 520** — Produtos com base em Lindane, e B. H. C.,

respectivamente, indicados em especial para o combate ao «escaravelho» da batateira, «pulgão» ou «áltica» da vinha, «hoplocampas», etc.

Gamapó A — Insecticida com base em B. H. C., próprio para a destruição dos insectos do solo — «quirónomo» do arroz, «alfinete» do milho, «roscas», etc.

Katakilla — Produto com base em Rotenona, para combater os «piolhos» e outros insectos prejudiciais às plantas.

Malaxone — Éster fosfórico não tóxico com base em Malathion; combate «algodões», «afídios ou piolhos» «traças» das uvas, «mosca» dos frutos, etc.

Quirogama — Insecticida líquido para o combate ao quirónomo ou lagartinha vermelha dos arrozais.

b) Produtos para destruição de ervas e arbustos

Agroxone 4 — Herbicida selectivo com base em M. C. P. A., completamente desprovido de toxicidade para o homem e animais domésticos. O herbicida que permite uma rápida, eficaz e económica monda das suas searas sem causar quaisquer prejuízos aos cereais.

Atlacide — Herbicida total com base em clorato de sódio para a destruição

das ervas daninhas dos arruamentos, jardins, etc.

Trioxone — Arbusticida hormonal, com base num éster do 2, 4, 5 T. Embora seja também activo contra diversas ervas daninhas de «folha larga», o 2, 4, 5 T é especialmente eficaz contra plantas lenhosas, tais como silvas, diversos tipos de mato, acácias infestantes, etc.

c) Produtos auxiliares da vegetação

Horthomona A — É um preparado sintético que estimula e ace-

lera a formação de raízes nas estacas.

À VENDA EM TODOS OS DEPÓSITOS E REVENDADORES DA

Companhia União Fabril

Av.^a do Infante Santo — LISBOA-3
(Gaveto da Av.^a 24 de Julho)

Rua do Bolhão, 192-3.º — PORTO

Snr. LAVRADOR...o seu melhor AMIGO é um...

MOTOR



Empregados em Portugal há mais de 25 anos, os motores Briggs & Stratton são os preferidos em todo o mundo para trabalhos agrícolas e industriais.

APOIADOS POR UM SERVIÇO COMPLETO DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA

MODERNOS—RESISTENTES—ECONÓMICOS

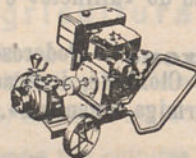
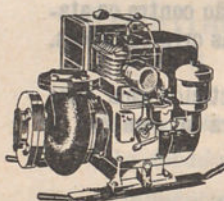
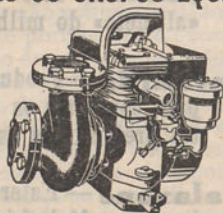
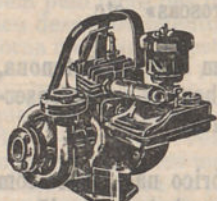
POTÊNCIAS: DE 1 A 9 H.P.

QUE O AJUDA A TIRAR O MÁXIMO RENDIMENTO DA TERRA.

TODOS OS MOTORES **BRIGGS & STRATTON** PODEM FUNCIONAR A **PETRÓLEO** OU A **TRACTOL**

UTILIZE NAS SUAS REGAS OS GRUPOS EQUIPADOS COM MOTORES BRIGGS & STRATTON

HAVAS



GRUPO 1 ½" — MOTOR 2 HP
Esc. 1.950\$00

GRUPO 2" — MOTOR 2 ½ HP
Esc. 2.100\$00

GRUPO 2 ½" — MOTOR 4 ½ HP
Esc. 3.950\$00

DIVERSOS MODELOS MONTADOS EM CARRO

QUEIRA CONSULTAR A



Electrónica, Lda

RUA DE SANTO ANTÓNIO, 71
TELEFONE, 25800—PORTO

3993

CHOCADÉIRAS *eléctricas*
"SUCESSO"

REGULAÇÃO automática da temperatura
MODELOS de 30, 60, 90 e 120 ovos
Mais *eficientes* — Mais *práticas*
Mais *económicas* — Mais *baratas*

Manuel Paiva — R. Vilarinha, 913 — FORTO

Visite V. Ex.^a a

**Ourivesaria
Aliança**

onde encontrará
*Jóias, Pratas,
Mármore e
Bronzes*
a preços fixos.

P O R T O — 491, R. das Flores, 211
Filial em LISBOA: R. Garrett (Chiado), 50

SEMENTES

ALÍPIO DIAS & IRMÃO recomendam aos seus Amigos e Clientes, que nesta época devem semear as seguintes variedades:

Alfices, Beterrabas, Cenouras, Couves diversas, Ervilhas de grão, Feijões de vagem, Espinafres, Melancias, Melões, Pepinos, Pimentos, Rabanetes, Repolhos, Tomates, assim como: Azevéns, Eucaliptos, Erva molar, Luzernas, Lawn-grass, Ray-grass, Trevos etc., etc. e ainda uma completa colecção de Flores.

Se deseja SEMEAR E COLHER dê a preferência às sementes que com todo o escrúpulo lhe fornece a

"SEMESTEIRA" de Alípio Dias & Irmão

Rua Mousinho da Silveira, 178 — Telefones: 27578 e 33715 — PORTO

N. B. — Preços especiais para revenda CATÁLOGO — Se ainda não possui, peça-o que lhe será enviado gratuitamente



AS RAÇÕES E CONCENTRADOS

PROVIMI

MUNDIALMENTE ACREDITADOS

são garantia de

mais carne

mais ovos

mais leite

MAIS DINHEIRO



Faça um ensaio... e convencer-se-á



FABRICANTES-CONCESSIONÁRIOS:

Fábrica de Rações da Beira, Lda. — Caramulo
Fábrica Luso Holandesa de Rações, Lda. — Carregado
Bonifácio & Filhos — Ovar
Sofar, Lda. — Faro

Prazeres & Irmão, Sucrs., Lda. — Castro Verde
Nicolau de Sousa Lima & Filhos Lda. — Ponta Delgada
Freitas & Gouveia, Lda. — Funchal
A. Relvas, Lda. — Malange

PROVIMI PORTUGUESA — Concentrados para Alimentação de Animais, Lda.

Rua do Machado, 47 — Carnide — LISBOA 4

Telefs. 783439 — 780391 — 782132 — 782131



Os produtos da

UMUPRO

LYON-FRANÇA



HELICIDE GRANULÉ — Produto eficaz-
simo na extinção dos caracóis, à base de
metaldeído;

UMUCORTIL GRANULÉ — Para combate
aos ralos, à base de clordane;

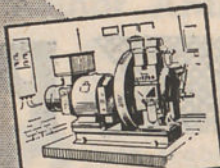


são distribuídos em Portugal por

Ferreira, Rio & C.ª, L.ª

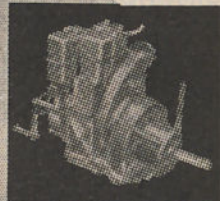
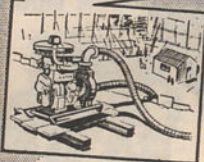
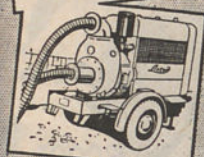
Rua do Almada, 329-1.º — Telef. 23007 — PORTO

3189



LISTER

força motriz
para todos
os fins



**MOTORES DIESEL
DE 3 A 1600 h. p.**

REPRESENTANTES:

PINTO & CRUZ, L.ª

R. ALEXANDRE BRAGA, 60/64 — PORTO
TEL: 26001 (P. P. C.)

2177

GOSAN EM TODAS AS "CURAS"



TRATE os pomares de citrinos com

Pomorol

Oleo mineral, neutro, de verão

Destrói as cochonilhas e limpa a fumagina

Malathane

Emulsão com 50 % de Malathion

Elimina piolhos, algodão e icéria

Roxion

Emulsão com 40 % de Dimetoato

*Insecticida sistémico para o combate à mosca
da laranja, pêsego, maçã, pera, etc.*

PRODUTOS da

Sociedade Permutadora

LISBOA

S. A. R. L.

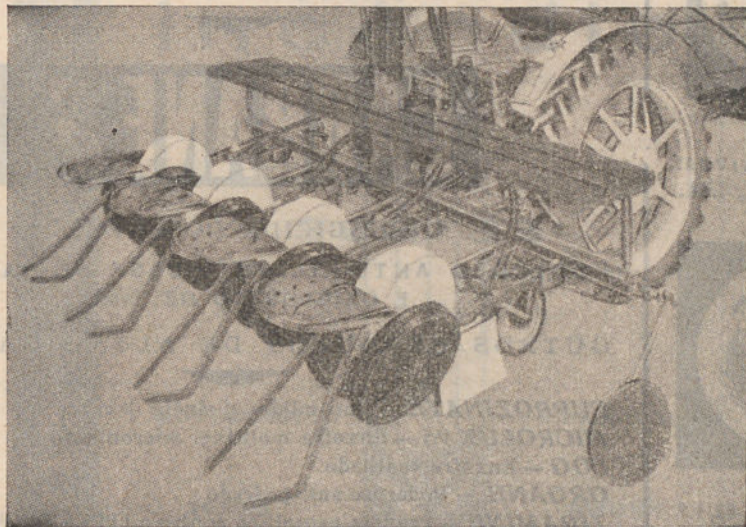
PORTO

Av. da Liberdade, 190 — Telef. 48141/2

Rua da Boavista, 44 — Telef. 32107

3911

MÁQUINAS AGRÍCOLAS



PLANTADOR PARA TOMATE, ARROZ, BETERRABA, ETC.

SIMA — Instalações para a extracção de azeite
TITO MANZINI
& FIGLI — Instalações para a indústria do tomate

ACCORD — Plantadores, sachadores e semeadores
GEHRING — Fresas de 0,90 a 2,10 m.

HELWIG — Arrancadores de batata e beterraba

KVERNELANDS — Pás niveladoras e transportadoras de fenos

MASERATI — Máquinas de mungir

MELIO — Máquinas de abrir valas

*VICON — Espalhadores de adubo, máquinas de cavar,
ancinhos rotativos, etc.*

3803

REPRESENTANTE EXCLUSIVO PARA PORTUGAL E PROVÍNCIAS ULTRAMARINAS

ANTÓNIO CÂMARA CORDOVIL

IMPORTAÇÃO - EXPORTAÇÃO

RUA DE CAMPOLIDE, 55-1.º DTO. — TEL. 685262 — END. TEL. VIERZON
LISBOA



REP. EXCLUSIVOS:
A. F. GOUVEIA, LDA.



Av. Inf. Santo, 52/1.º
Tel. 675081/82
LISBOA-3
R. Santos Pousada, 644
Tel. 44573
PORTO

PROTEJA AS SUAS
VINHAS
USANDO O PRODUTO ORIGINAL **PROCIDA**

CARBANE'S

O FUNGICIDA DO FUTURO!
PODEROSO ANTI-HÍLDIO À BASE DE CARBATÉNE
E OXICLORETO DE COBRE
OUTROS PRODUTOS DE ALTA QUALIDADE

CUPROZINATE — Anti-míldio c/ zinebe + cobre

MICROLUX 95 — Enxofre molhável micronizado

3919

FOG — Enxofre ventilado

ORGANIL — Poderoso anti-pedrado

ZIRAMINE — Produto específico contra a LEPRA DO PESSEGUIRO

TYTHON "50" — (À base de PARATIÃO) — contra as lagartas do
cacho, cochonilhas, afídeos, etc., etc., etc., etc.

PEDIDOS AOS AGENTES LOCAIS

OENOL

*Sociedade Portuguesa
de Enologia, Lda.*

Importadores - Armazenistas

DE

Produtos Enológicos
Material de Adega

E

Material de Laboratório

LISBOA — Rua da Prata, 185, 2.º
Telefones: 2.8011-2.8014

2860

HERPETOL

PARA DOENÇAS DA PELE

UMA GOTTA DE HERPETOL

é o seu desejo de coçar
passou. A comichão des-
parece como por encanto.

A irritação é

dominada, e

pele é refres-

cada e ali-

viada. Os

alvíos come-

çaram. Medi-

camento por

excelência

para todos os casos de eczema húmido ou seco,

crostas, espinhos, erupções ou ardência na pele.

À venda em todas as farmácias e drogas

**VICENTE RIBEIRO & CARVALHO
DA FONSECA, LIMITADA**

RUA DA PRATA 237 - LISBOA



1833

comércio e indústria COMPANHIA DE SEGUROS

incêndio

searas

arvoredo

colmeias

fenos

matos

lenha

palhas

pastagens

máquinas



proteja a sua
lavoura
com uma apólice
agrícola

3936

à *Lavoura*

Pó Flecha D. D. T.

a 5%, a 10%, a 20% e 50%

Pó Flecha Lin-Exano

a 6 e 10% de LINDANE

Pó Flecha-Exano

a 1 e 6% de B. H. C.

Matoescaravelho Flecha

Emulsão Flecha-Clor à base de chlordane

INSECTICIDA



D

Zincobril

combinação oxiclureto de cobre e Zineb

Emulsão Fosfortion Flecha

PODEROSO INSECTICIDA
para todas as culturas

Emulsão Flecha-B

à base de Lindane

Emulsão Flecha-Malatone

à base de Malation

Fungicida Cobragan 50

50% de cobre

Para o extermínio das pragas das *Vinhas, Batatais, Hortas e Pomares*

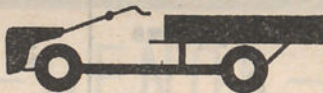
À VENDA NAS BOAS CASAS

Tudella & Esteves, Lda. — Praça da Alegria, 40-A — LISBOA-2

3910



com qualquer tempo
e em qualquer terreno



As 4 rodas motoras do motocultivador REX e a sua tomada de força, garantem-lhe a possibilidade de efectuar todos os seus transportes.

Isento de carta de condução, REX é um motocultivador robusto para todos os trabalhos de lavoura.

Gutbrod/MotoStandard

A maior organização na venda de motocultivadores de todos os tamanhos e potências.

EM ARMAZÉM TODAS AS PEÇAS NECESSÁRIAS PARA PODER GARANTIR UMA ASSISTÊNCIA PERFEITA

AGÊNCIA GERAL

Telefs.
20947
20948



PORTO

152, Rua de José Falcão, 156

3928

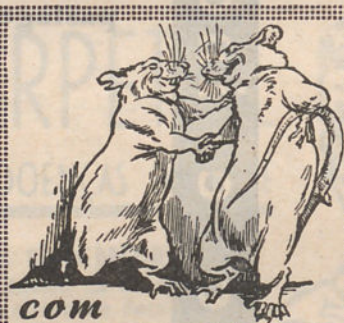
Motores CLINTON

Acessórios de origem
ENTREGA IMEDIATA

Martins de Carvalho

Rua da Madalena, 138 — LISBOA — Telef. 869228

3937



com

SOREXA

os RATOS morrem
satisfeitos!

SOREXA

O melhor exterminador
à base de Warfarin

Não é venenoso

à venda nas boas casas

O melhor resultado nas capoeiras e celeiros

DISTRIBUIDORES: J. KENDALL, LDA.

Rua Formosa, 386 — PORTO

38804

Na Cultura do Milho

Para aumentar a sua colheita e
reduzir as despesas de grangeio
semeie sache e regue com



TIPO
«TERRA»

3781

Peça prospectos, preços
ou demonstrações à

Agência Geral GUTBROD

Rua de José Falcão, 152-156 — PORTO
Telefones: 20947 e 20948

OU NOS DISTRIBUIDORES

O Caminho de Ferro
é o transporte ideal, pois
é seguro, rápido, prá-
tico e económico.

1593

Alberto da Silva Duarte

COLMEIAS, CERA MOLDADA
e utensílios apícolas

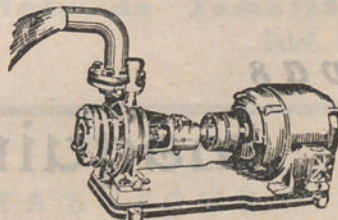
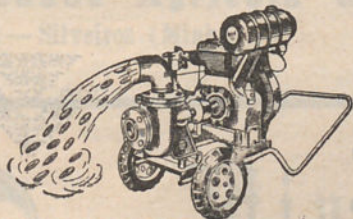
3904

Fabricante em Portugal desde 1935 da colmeia
“Langstroth-Root”

R. Capitão Luís Gonzaga, 38 — Tel. 23337 — COIMBRA

ÉPOCA DE REGAS

Grande sortido de: **Moto-Bombas e Electro-Bombas**



5927

Confiem na grande experiência da

Casa Cassels

Rua Mousinho da Silveira, 191 — PORTO
Avenida 24 de Julho, 56 — LISBOA



Agente Geral para Portugal e Ultramar:
J. L. Duarte de Almeida, Suc.ra
Rua de S. Miguel, 61 — PORTO
Telefone, 26515

a bomba que resolve o seu problema caseiro
para **hortas e jardins,**
pequenas regas, etc.

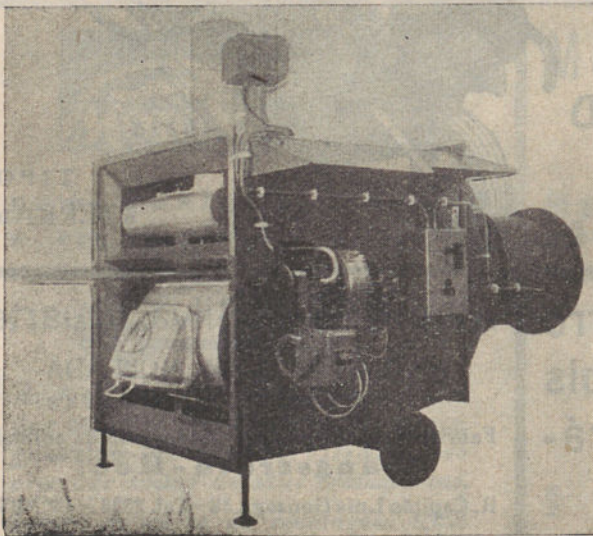
3877

CONSUMO DE ELECTRICIDADE MÍNIMO
.....

“**VIBRO-VERTA**”
a bomba portátil que resolve o abastecimento de água
na **cidade** e no **campo**

DEMONSTRAÇÕES GRÁTIS

Proteja as suas colheitas com o Secador Agrícola **CEIA**



*Modelos fixos e móveis com
ou sem ventilador incorporado.*



O seu sistema de aquecimento indirecto afasta o risco de incêndio e não prejudica o poder germinativo e de panificação.

3881

O sistema **CEIA** permite a secagem de *cereais* a granel ou ensacados, *milho* em grão ou em espiga, *frragens,* *feijão, cebolas, batatas,* etc.

CEIA Centro de Equipamentos Industriais e Agrícolas, Lda.
Rua Conde de Redondo, 97, r/c * Telefone, 73 15 44 * LISBOA — 1

novas

máquinas

para

lagares de azeite

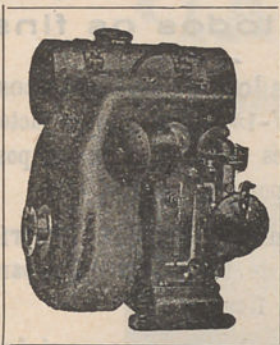


3038

FUNDIÇÕES
DO ROSSIO
DE ABRANTES

Motores e Grupos de Rega

VILLIERS



MOTORES A PETRÓLEO

QUATRO TEMPOS

MARK 10, MARK 20, MARK 25, MARK 40

1,1 HP 2 HP 2,4 HP 3,3 HP

GRUPOS DE REGA DE

1 1/2" 2" 2 1/2" 3"

ENCONTRÁ-LOS-Á NAS BOAS CASAS DA SUA REGIÃO

REGUE COM VILLIERS E REGARÁ TRANQUILO

AGENTES GERAIS EM PORTUGAL

SOCIEDADE TÉCNICA DE FOMENTO, LDA.

PORTO — Av. dos Aliados, 168-A

Telef. 26526/7

LISBOA — R. Filipe Folque, 7-E e 7-F

Telef. 53393

3532

Viveiros da Quinta do Tamariz

Os maiores viveiros do Norte do País, com a maior selecção de barbados americanos e árvores de fruto. Plantas talhadas; coníferas; arvoredos; arbustos para jardins; plantas para sebes; roseiras; trepadeiras; etc., etc.

Serviços de assistência técnica. — Instalação de pomares. — Ordenação de propriedades e surribas.

No seu próprio interesse visite os n/ viveiros.

PEÇA CATÁLOGOS GRÁTIS

Sociedade Agrícola da Quinta do Tamariz, Lda.

Carreira — Silveiros (Minho)

Telef. 71 — NINE



Wino

MASTIQUE

especial para a

VEDAÇÃO PERFEITA DO VASILHAME

Avenida Rodrigues de Freitas, 68 PORTO

8689



Maschinenfabrik A. HOLZ
Wangen i. Allgäu — Alemanha

Rega por Aspersão

(CHUVA ARTIFICIAL)

para todos os fins

Pulverizadores pneumáticos,
tipo «V-1» — para grandes jactos
e grandes alcances, para campos,
prados, pomares, vinhas, etc.

Grupos moto-bombas centrí-
fugas, de todos os tipos e para
todos os fins.

Tubagens leves e acessórios
de ligação rápida.

Estudos e Orçamentos grátis

REPRESENTANTE GERAL:

Eng.º Paulo C. Barbosa

P. Liberdade, 114-4.º-PORTO-Tel. 20866

3385

O MELHOR CAFÉ
É O DA

BRASILEIRA

61, Rua Sá da Bandeira, 91
Telefones, 27146, 27147 e 27148 — PORTO

(Envia-se para toda a parte)

2854

PARA AS GALINHAS

USAR o conhecido **DESINFECTANTE ZAP**
ENÉRGICO, ACTIVO, EFICAZ

Aplica-se nos bebedouros das aves e é INOFENSIVO para
os animais domésticos

Com o desinfectante ZAP as galinhas não se contaminam
Frasco pequeno . 12\$50 * Frasco grande . 50\$00

Vende-se em todas as farmácias, drogarías, aviários, etc.

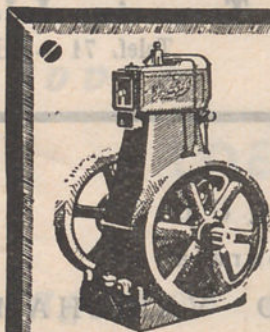
DISTRIBUIDORES
GERAIS:

Vicente Ribello
& C.ª

R. dos Fanquei-
ros, 84, 1.º, Dt.º
LISBOA



2692



Desde 3 1/2 HP - 600 R.P.M.

MOTORES A ÓLEO

BAMFORD

DIESEL

O MELHOR
MOTOR INGLÊS
PARA A
AGRICULTURA
E PEQUENA
INDÚSTRIA

RESISTENTES
SIMPLES
FÁCEIS DE
MANEJAR
ECONÓMICOS
GARANTIDOS

JAYME DA COSTA, L.ª

14 - R. dos Correios - LISBOA
12 - P. do Batalha - PORTO

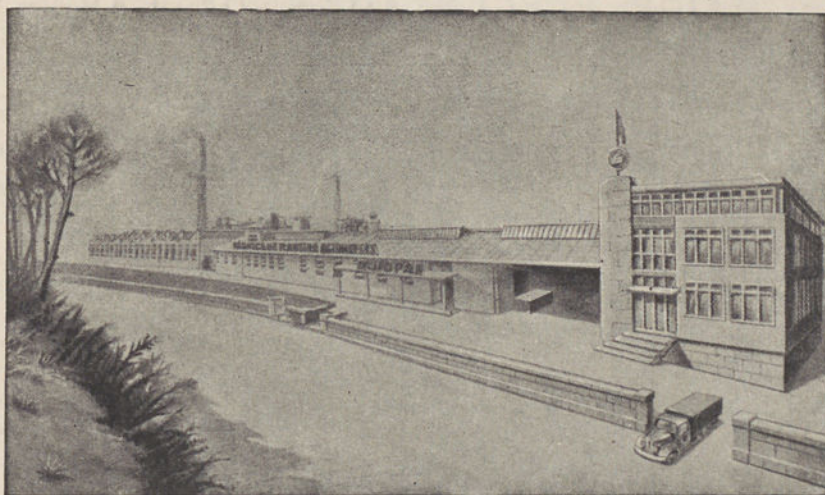
MECÂNICA E ELECTRICIDADE
EM TODAS AS APLICAÇÕES

1149

FÁBRICA DE MADEIRA AGLOMERADA

«TABOPAN»

TELEFONE N.º 53 — AMARANTE



9718

UMA DAS MAIS MODERNAS INSTALAÇÕES DA EUROPA NA PRODUÇÃO DE MADEIRA AGLOMERADA

Placas de 2,50×1,25—2,13×1,25—2,13×1,00—2,13×90—80, 75, 70 e 2,00×1,00
Espessuras: de 3 a 36 m/m para todas as aplicações

**Portas, Lambrins, Tectos, Mobiliário, Construção Civil e Naval, Hangares,
Casas Pré-Fabricadas, Carteiras e Mobiliário Escolar, etc.**

Esta madeira foi considerada pelos famosos cientistas germânicos em madeira aglomerada, Engenheiro H. F. Schewiertz, de Hamburgo, e Professor Wilhelm Klanditz, da Universidade Técnica de Braunschweig, como a melhor que se tem produzido na Europa

Também o Laboratório Nacional de Engenharia Civil, de Lisboa, a considerou igual à melhor que se produz no estrangeiro

As construções de maior categoria têm preferido «TABOPAN»

A única Fábrica Europeia que produz placas de 3, 4, 5 e 6 milímetros de espessura com uma resistência de 407 kg./cm² (cerca de 3 vezes mais que a madeira maciça)

Distribuidores no Distrito do Porto
e Província do Minho:

Sociedade Comercial de Representações José Soares, Lda.

R. Rodrigues Sampaio, 169-2.º • Tel. 28091

PORTO

Distribuidor em Lisboa:

ALVES DE SÁ & C.ª, L.ª

R. das Janelas Verdes, 86 • Tel. 66 94 22

LISBOA

CIANAMIDA CÁLCICA

CAL AZOTADA

20-21% DE AZOTO

**O ADUBO AZOTADO COM
MAIOR PERCENTAGEM DE CAL**

*OS MELHORES RESULTADOS EM SOLOS ÁCIDOS
NAS SEGUINTE CULTURAS:*

**ARROZ, MILHO, CEREAIS DE PRAGANA,
BATATA, OLIVAL, VINHA, POMAR, etc.**

E AINDA

**NA PREPARAÇÃO DE ESTRUMES E
NO COMBATE ÀS ERVAS DANINHAS**



COMPANHIA PORTUGUESA DE FORNOS ELÉCTRICOS

INSTALAÇÕES FABRIS
CANAS DE SENHORIM



SERVIÇOS AGRONÓMICOS
LARGO DE S. CARLOS, 4-2.º
LISBOA — TELEFONE 368989